

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO PEDAGOGIA LICENCIATURA

Luana Born Machado

**Memórias de estudantes egressos do Curso de Pedagogia: “Eu vou para a  
FACED! Será?” (1970-1990)**

Porto Alegre  
1º Semestre  
2016

Luana Born Machado

**Memórias de estudantes egressos do Curso de Pedagogia:  
“Eu vou para a FACED! Será?” (1970-1990)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
à Comissão de Graduação do Curso de  
Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de  
Educação da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul como requisito parcial e  
obrigatório para obtenção do título de  
Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Dóris Bittencourt  
Almeida

Porto Alegre  
1º Semestre  
2016

## DEDICATÓRIA

Início agradecendo a Deus e a Meishu Sama, pois nestes quatro anos de graduação e mudanças que ocorreram em minha vida, muito da minha força para continuar os estudos vieram da minha fé.

Ao meu namorado Paulo, que esteve comigo em todos os momentos, me apoiando e colocando os meus estudo à frente de tudo.

Ao meu pai, Celso, que desde minha infância não mediu esforços para que eu estudasse e por sempre me apoiar minhas decisões.

À minha tia, que para mim é uma mãe, Maria Catarina, que sempre esteve comigo em todos os momentos que necessitei, seja antes ou durante a graduação.

Às amigas que fiz ao longo do curso, Lúcia, Margarete, Soeli, Morghana e Natália, que sem dúvidas afirmo que me acompanharão ao longo da vida.

Às professoras e professores que contribuíram tanto em minha trajetória escolar como universitária, ajudando-me a construir conhecimentos.

À professora Dóris, minha querida orientadora, que me acompanha desde o quarto semestre do Curso quando ingressei no PIBID e desde então vem orientando.

Em especial, meu profundo agradecimento a Mônica, Tânia Ramos Fortuna e Rafael Arenhaldt, pela disponibilidade de falar de suas vidas, seus tempo e compartilhar suas memórias para que este trabalho de conclusão de curso se tornasse possível.

Agradeço imensamente a Maria das Dores Cardoso Frazão e Daniele Noal Gai professoras que se disponibilizaram a fazer parte de minha banca neste momento tão importante de minha graduação.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo compreender o cotidiano vivido no Curso de Pedagogia, considerando suas relações com a Faculdade de Educação/UFRGS, entre as décadas de 1970 e 1990, por meio de narrativas de memória de estudantes egressos. O estudo se inscreve no campo da História da Educação e elege como metodologia a História Oral. A pesquisa discute o significado das memórias orais para um maior entendimento do passado de uma instituição de formação docente. Foram produzidas entrevistas com três estudantes egressos do Curso de Pedagogia, cada um deles representando as décadas de 1970, 1980 e 1990. Para melhor compreensão dos conceitos de Memória e História Oral, a pesquisa está ancorada nos estudos de Amado, Errante, Vidal, dentre outros autores. Para análise das narrativas orais, construíram-se duas categorias: “Escolha pela Pedagogia: Vou para a FAGED” e “Ecos de outras memórias do Curso de Pedagogia: a formação e o prédio em meio aos contextos políticos”. Por fim, conclui-se que a memória nunca está desacompanhada, é carregada de marcas para cada sujeito e elas foram constituindo cada um dos narradores ao de suas vidas. A partir da imaterialidade das memórias dos narradores deste trabalho, suas lembranças foram tomando forma e transformando-se em história.

**PALAVRAS-CHAVE:** História do Curso de Pedagogia. História Oral. Memórias discentes.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	FACED construída sob pilares.....	19
Figura 2.	FACED em outro ângulo.....	19
Figura 3.	Pátio das crianças do Aplicação e FACED.....	19
Figura 4.	FACED.....	19
Figura 5.	Histórico do Curso de Tânia.....	39
Figura 6.	Histórico do Curso de Rafael.....	41
Figura 7.	Lista de formandos do convite de formatura de Tânia.....	45
Figura 8.	Lista de formandos do convite de formatura de Rafael.....	46

## SUMÁRIO

<b>1. INICIO DA VIAGEM EM BUSCA DE MEMÓRIAS.....</b>	<b>07</b>
<b>2. AMARRANDO OS CONCEITOS DE MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL.....</b>	<b>11</b>
2.1 (DES)CAMINHOS DE UMA INICIANTE EM PESQUISA SOBRE MEMÓRIAS.....	14
<b>3. HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFRGS.....</b>	<b>23</b>
3.1 A CONSTITUIÇÃO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO NO CAMPUS CENTRAL DA UFRGS.....	23
3.2 NARRATIVAS DE MEMÓRIA DE EGRESSOS DO CURSO DE PEDAGOGIA.....	30
<b>4. AMARRANDO OS FIOS DESSAS MEMÓRIAS DA FACED.....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>56</b>

## 1. INICIO DA VIAGEM EM BUSCA DE MEMÓRIAS

A memória é uma teia de subjetividades, por mais que haja imersão, por mais que provoque o/a narrador/a, por mais que se evite a superficialidade durante a entrevista, não há como atingir a totalidade daquilo que foi vivido no passado. Portanto a memória constitui-se dos atos de lembrar e esquecer (ALMEIDA, 2009, p.215).

O estudo de narrativas de memórias não é algo simples, a memória resiste ao passado, necessita de evocadores, é carregada de subjetividades, povoada de sentimentos e estes sentimentos interferem nos atos de lembrar e esquecer.

Neste trabalho de conclusão de curso, assumi o desafio de trabalhar com questões ainda pouco conhecidas por mim. Elejo como temática de pesquisa memórias do Curso de Pedagogia/UFRGS, a partir de narrativas orais de três estudantes das décadas de 1970, 1980 e 1990. A pesquisa<sup>1</sup> tem por objetivo compreender o cotidiano vivido no Curso de Pedagogia, considerando suas relações com a Faculdade de Educação/FACED da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Destaco que o título dado a esta pesquisa “Memórias de estudantes egressos do Curso de Pedagogia: “Eu vou para a FACED! Será? (1970-1990)” faz alusão às falas de dois sujeitos da pesquisa, Mônica e Rafael, quando contaram suas trajetórias e escolha pelo Curso de Pedagogia.

Importa dizer que este estudo se inscreve no campo da História da Educação e discute o significado das memórias orais para um maior entendimento do passado de uma instituição de formação docente. A discussão teórica está ancorada nas problematizações sobre narrativas orais de memória, buscando como referência os estudos de Janaina Amado, Antoinette Errante, Diana Vidal, dentre outros e elege como metodologia a História Oral.

Ao longo do Curso de Pedagogia, pude me aproximar de diversas áreas do conhecimento, considerando as disciplinas oferecidas e minha participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)<sup>2</sup>. Afirimo que a

---

<sup>1</sup>Esta pesquisa é vinculada a um projeto já existente na própria faculdade “Memória FACED”, criado no ano de 2011, pela professora Dóris Bittencourt Almeida, que vendo os documentos históricos da Faculdade de Educação estavam mal armazenados e assim, sendo deteriorados com o passar do tempo, criou este projeto a fim de preservar as memórias e as histórias da FACED.

<sup>2</sup>Minha aproximação com a área da história sem dúvidas se deve ao PIBID, pois, todas as semanas estudávamos a temática indígena, com foco nos dois grupos étnicos mais conhecidos do Rio Grande do Sul, Guaranis e Kaingangs, após os estudos, as bolsistas iam para duas escolas da rede estadual de Porto Alegre, ensinar o que havíamos aprendido para três turmas diferentes o 3º, 4º e 5º ano.

Pedagogia me aproximou da História e do tema das memórias. E, no final do Curso, fui afetada por conhecer um pouco mais as histórias da Faculdade de Educação.

Assim, algumas indagações foram emergindo a partir de minhas vivências como estudante. Como seria este mesmo Curso em outras décadas? O que hoje fazem os egressos? O que pensam acerca dos conhecimentos desenvolvidos durante a graduação? Como se davam as relações de pertencimento à Faculdade de Educação?

Estes questionamentos se fazem importantes, pois passei muito tempo sem conhecer o passado da FACED, somente na última etapa do curso conheci um pouco de sua história. Penso que no cotidiano das aulas durante a graduação, corremos o risco de naturalizar este lugar que é cheio de memórias de todos aqueles e aquelas que ajudaram constituir o Curso de Pedagogia. Talvez este seja um dos motivos desta pesquisa, me propus a investigar algumas memórias, para que os estudantes possam conhecer melhor sua Faculdade, por meio das narrativas de outros estudantes, de outras gerações. Procurei de certa forma, com a presente pesquisa, valorizar memórias da FACED que podem estar no esquecimento, por meio das vozes de estudantes egressos, com o intuito de melhor compreender o Curso de Pedagogia, inserido na Faculdade de Educação.

Essas inquietações me levaram à pesquisa, porém, “a história não é uma simples reconstrução do passado, dos acontecimentos e dos factos que tiveram lugar numa determinada época” (NÓVOA, 2015, p.25), por este motivo, a proposta não é a de reconstituir o passado, tarefa essa impossível, considerando que o tempo pretérito é uma alteridade absoluta. Busquei, portanto, valorizar vivências cotidianas de estudantes egressos, tomando seus depoimentos como fontes de estudo para melhor compreender as histórias do Curso de Pedagogia.

Penso que o que move essa pesquisa também é a minha relação com a FACED. O sentimento de pertencimento foi se construindo aos poucos, talvez somente quando já estava lá pelo quarto semestre, quando percebi que o sonho de me formar seria uma realidade possível. Neste momento, me encontro rumo à formatura, na última etapa, e arrisquei investir neste estudo que almejou aproximar-se das vivências de duas ex-alunas e um ex-aluno do Curso de Pedagogia. Começo a pisar em um terreno movediço, um terreno no qual ainda estou me *descobrimo*,

---



conhecendo outros conceitos e aportes, muitas vezes distintos daquilo que foi a base curricular de minha graduação. Nóvoa é uma referência que auxilia na compreensão das mudanças que estão acontecendo na minha vida acadêmica,

Talvez não seja muito importante o que a vida faz conosco; importante, sim, é o que cada um de nós faz com a vida. Não hesito em dizer-vos que a certeza é a distância mais curta para a ignorância. Num erro, podem estar ensinamentos preciosos. É preciso ter dúvidas. «Não queiras saber tudo. Deixa um espaço livre para te saberes a ti». (2014, p. 24)

Deixando espaço para que eu possa saber de mim e, ao mesmo tempo, imaginar o futuro, rememoro o passado, porém, o que lembro parece pouco. Estava tímida, assustada, temerosa, não só a cidade era diferente, mas as pessoas e o modo de vida pareciam distintos de minhas referências habituais. Era a segunda etapa da matrícula, com certa dificuldade localizei o prédio da Faculdade de Educação. Os veteranos esperavam seus *bixos* com potes de tinta para darem as boas vindas aos calouros.

Por que recorro com tão pouca nitidez aquele dia? Ou, quem sabe, eu tenha preferido esquecer algumas partes daquele momento? Entretanto, avalio que daquele dia em diante, a FACED assumiria em minha vida um papel singular, pois nela é que passei os últimos quatro anos da minha vida.

Quatro anos de muito estudo e novas aprendizagens, quatro anos de amizades, companheirismo, quatro anos de sonhos sendo, aos poucos, realizados e outros tantos que continuam sendo sonhados, assim como sonharam Mônica<sup>3</sup>, Tânia Ramos Fortuna e Rafael Arenhaldt, entrevistados da pesquisa, nos anos em que foram alunos de graduação deste Curso.

Durante as entrevistas, pude perceber que Mônica, Tânia e Rafael também sonharam quando estavam no lugar de estudantes da Pedagogia e transformaram muitos desses sonhos em realidades. Com eles, em poucas horas, experimentei diferentes sentimentos, pois quando Mônica rememora seu passado, este passado vem carregado de vitórias e conquistas, por ser egressa de escola pública e acreditar que sempre esteve no caminho certo como professora. Eu me emocionei com a sua emoção. Tânia, quando fala, parece que recita poesia, encanta com suas palavras e memórias *coloridas*, pois como diz Mário Quintana, o passado é "[...] uma

---

<sup>3</sup> Mônica foi o pseudônimo aleatório escolhido para substituir no nome da entrevistada da década de 1970, a fim de preservar sua identidade. Tânia e Rafael autorizaram o uso de seus nomes nesta pesquisa.

invenção do presente. Por isso é tão bonito sempre, ainda quando foi uma lástima... A memória tem uma bela caixa de lápis de cor” (2006, p.159). E o que dizer de Rafael que tem memórias ainda tão presentes em sua vida? Memórias que se entrelaçam, passado que vem à tona, hoje como professor que se vê em cada um de seus alunos.

Penso que meus sonhos como futura pedagoga estão imbricados com as aspirações que Mônica, Tânia e Rafael tinham ao cursar Pedagogia, por isso, faço uso das palavras de Nóvoa,

A prática científica é sempre, de uma ou de outra maneira, um «ajuste de contas» com a nossa vida. Se não encontrarmos aquilo que nos inquieta, as perguntas a que queremos responder, se não nos implicarmos por inteiro, jamais produziremos um trabalho com sentido para nós e para os outros. (2015, p.25)

Afirmo a quem possa interessar, que este trabalho, no momento em que me encontro de conclusão de Curso, tem sentido para mim, pois me implico por inteira e mostro isso nas próximas sessões, aproximando o leitor dos conceitos de memória, narrativa oral e História da Educação. Para a pesquisa, se faz importante contextualizar a história do Curso de Pedagogia, entrelaçando-a à história do país. Esse é o cenário em que situo as memórias dos estudantes egressos, buscando convergências e divergências de suas narrativas.

## 2. AMARRANDO OS CONCEITOS DE MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL

Memória e imaginação não se opõem, como quer o senso comum; antes completam-se, pois possuem a mesma origem, natureza, poderes (AMADO, 1995 p.134).

Para desenvolver este estudo, foi necessário que me aproximasse do conceito de memória e entendesse um pouco da metodologia da História Oral, pois tenho como objetivo investigar as memórias de egressos do Curso de Pedagogia desta Universidade, das décadas de 1970, 1980 e 1990.

Mas afinal, o que é memória? Como é algo marcadamente subjetivo, sua compreensão não é simples, por isso, acredito que o livro “Guilherme Augusto Araújo Fernandes” (FOX; VIVAS, 1984) consiga traduzir de forma lúdica e poética os significados da memória.

Guilherme Augusto, ao saber que Dona Antônia havia perdido a memória, decide ajudá-la a reencontrar, mas, para isso, questiona diversos adultos, indagando “o que é memória?” Devido à complexidade da pergunta, recebe diferentes respostas, “é algo que você se lembre”, “algo quente”, “algo bem antigo”, “algo que faz chorar”, “algo que o faz rir”, “algo que vale outro”.

Penso que a memória seja um pouco de cada elemento que o personagem encontra ao conversar com os velhos que moravam no asilo. Porém, para aprofundar o conceito, foi preciso ler diversos autores e cada um deles apresenta ideias distintas, mas que se complementam.

Dessa forma, Amado aponta que “nossas memórias são formadas de episódios e sensações que vivemos e que os outros viveram” (1998, p. 132), isso quer dizer, que construímos memórias a partir de nossos sentimentos. Além disso, cumpre dizer que mesmo que as memórias sejam de um determinado sujeito e que aparentemente só ele as tenha, carregam em si um forte componente social. Neste sentido, a autora explica que a memória reelabora o que foi vivido e escolhe o que irá lembrar e esquecer. Ainda salienta que, mesmo considerando o componente social, o ser humano pode ser identificado pelas memórias que guarda, pois tais memórias só podem ser de um determinado sujeito, por isso quando alguém perde sua memória, também perde sua identidade. Desta maneira, Almeida, ancorada em Santos e Bosi, caminha no mesmo sentido que Amado, pois, esclarece que,

Rejeita-se, por conseguinte, a ideia da memória puramente individual, uma vez que não se pode desconsiderar o contexto vivido pelo sujeito que é “convidado” a pensar sobre o que viveu (Santos, 1993). A memória, portanto, também é coletiva (Bosi, 2003), difundida e alimentada na convivência com os outros, produzida pelos discursos e pelas representações que propõe uma identidade ao grupo (2009, p. 215)

Seguindo ainda esta perspectiva, Amado explica porque a memória é próxima da história e porque é coletiva ou social,

[...] é uma capacidade de associar vivências individuais e grupais com vivências não experimentadas diretamente pelos indivíduos ou grupos: são as vivências dos outros, das quais nos apropriamos, tomando-as nossas também, por meio de conversas, leituras, filmes, histórias, músicas, pinturas, fotografias...(1995, p. 132).

Ao investigar memórias de sujeitos, Almeida explica que,

É necessária uma compreensão mais fecunda acerca dos sentidos da memória, concebendo-a como algo muito além da mera capacidade de lembrar dos fatos passados. De acordo com o senso comum, pode-se pensar que as memórias referem-se àquilo que lembramos (2009, p. 215).

Almeida ainda completa explicando que as lembranças fazem parte da memória, mas que é somente a ponta do *iceberg*, pois a memória é formada por lembranças e muitos esquecimentos. Por isso, a importância do alerta de Errante,

[...] há memórias e vozes que eu não posso coletar. Historiador e narrador podem negociar uma estória, mas algumas estórias ficam além do evento de história oral porque seja o historiador seja o narrador podem acabar por não fazer parte do contexto de rememoração do qual uma estória particular é contada (2000, p.144).

Portanto, de tudo o que li, entendo que a memória é constantemente reelaborada pelo sujeito, considerando os lugares ocupados no tempo presente. A memória não é estática, não é algo imutável, está sempre em movimento, se transformando.

Seguindo meus pensamentos sobre o conceito de memória, venho compreendendo que ela não caminha desacompanhada, sem interferências de outros elementos, penso que memória e história andam de mãos dadas, pois, a

primeira se constitui como documento para o historiador e este por sua vez, produz leituras e análises sobre o que vê, assim, produzindo a história.

Para *ativar* as memórias dos três entrevistados, foi necessário fazer uso da metodologia da História Oral, sendo esta um meio de *capturar* narrativas orais. Vale lembrar que os fatos vividos não são armazenados como eles realmente aconteceram, o narrador escolhe o que contar ao entrevistador, elege, consciente ou inconscientemente, o que lembrar e o que esquecer e estas memórias orais, tornam-se história, quando analisadas.

Após essa discussão, é necessário tecer algumas considerações sobre História Oral, método capaz de *capturar* memórias orais. É uma metodologia de pesquisa que passou a ser utilizada pelos historiadores a partir da segunda metade do século XX, que foi facilitada pela invenção do gravador à fita no ano de 1950.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, os historiadores passaram a querer *dar voz* aos que haviam sido *vencidos*, sentiam que muitas vozes haviam sido caladas (VIDAL, 1998). A História Oral constituiu-se como um método *libertador* e, por meio dele, seria possível *recuperar* o passado e devolver aos sujeitos o que a História oficial lhes havia negado: sua marca no mundo. Aos poucos, tais concepções tão absolutas foram relativizadas, neste sentido é de Prins (1992) uma importante definição quando diz que “a força da História Oral é a força de qualquer história metodologicamente competente” (p.194).

Vale reforçar que até as primeiras décadas do século XX, havia pouca tolerância em relação à fonte oral. Os historiadores consideravam única e exclusivamente como fonte de pesquisa documentos escritos, notadamente aqueles de caráter oficial, tanto é que o historiador francês “Fustel de Coulangers chegara a dizer que o melhor historiador seria aquele que se mantivesse mais próximo aos textos” (VIDAL, 1998. p.9). Tendo essa ideia como inadequada aos dias de hoje, sabemos que a memória não é encontrada somente em textos escritos, sejam eles de renomados pensadores ou não. Memórias podem estar em diferentes locais e objetos, como, por exemplo, em fotos, quadros, monumentos históricos, construções arquitetônicas e em narrativas orais, por meio de entrevistas.

Por fim, compreendo a importância para este estudo do conceito de memória e sua direta relação com a História, já que a memória ao ser *fisgada* através de narrativas orais, precisa ser analisada atentamente, compreendida em seu contexto

histórico, político e social. Antes de passarmos para esta sessão de contextualização, apresento ao leitor *minha viagem* até chegar as entrevistas.

## **2.1(DES)CAMINHOS DE UMA INICIANTE EM PESQUISA SOBRE MEMÓRIAS**

“Sem viagem, não há conhecimento”  
(Nóvoa, 2014, p.25).

Ao final do ano de 2015, fui desafiada a pesquisar memórias de estudantes do Curso de Pedagogia, que estudaram na FACED em outros tempos. Por vários motivos, logo me senti envolvida pela temática que até então não havia sido inserida na graduação.

Quando aceitei este desafio, imaginei um caminho para o trabalho, porém, adianto que nem tudo ocorreu como o idealizado, pois novos conhecimentos foram adquiridos, os personagens desta história foram se modificando, mas logo Zago ajudou que eu compreendesse que “[...] o trabalho de campo dificilmente vai se desenrolar conforme o planejado e, desse modo, está sujeito a sofrer um processo de constante construção” (2003, p.293). Por isso, nessa sessão, narro alguns percalços que aconteceram ao longo da produção deste estudo.

A ideia inicial era a de entrevistar três egressas do Curso de Pedagogia que estudaram nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Alguns obstáculos no caminho, uma possível entrevistada que era aluna de outro curso, outra que em princípio aceitou, mas, ao final, não se dispôs a ser entrevistada. Eu queria entender o porquê dessa negativa, considerando que a possível entrevistada provavelmente foi uma das primeiras pedagogas negras formadas na Faculdade de Educação, isso me interessava. Por que ela não quis falar? Busquei apoio nos referencias teóricos para compreender o que poderia ter acontecido. Lembrar nem sempre é fácil, quando se estuda sobre memórias de sujeitos, sabemos que nem tudo estes gostariam de contar, preparam-se para uma entrevista escolhendo de certa forma o que contarão (Errante, 2000).

Enfim, apresento ao leitor os sujeitos que compõem esta investigação.

<b>Nome</b>	<b>Ano ingresso-término</b>	<b>Formação continuada</b>	<b>Experiências profissionais</b>	<b>Atividade profissional atual</b>
Mônica	1972/1975	Doutorado em Educação	- Orientadora Educacional - Terapeuta Familiar - Professora da Educação Básica - Professora Universitária	Professora da Escola de Humanidades da PUCRS
Tânia Ramos Fortuna	1982/1985	Doutorado em Educação	- Professora de Educação Infantil - Professora universitária	Professora da Faculdade de Educação da UFRGS
Rafael Arenhaldt	1995/1998	Doutorado em Educação	- Coordenador Pedagógico - Professor de Didática para Curso de Química - Colégio de Aplicação/UFRGS - Professor da rede privada e pública do ensino básico	Professor da Faculdade de Educação da UFRGS

Como visto na tabela, os três entrevistados fizeram a graduação em décadas distintas, mas mantiveram vínculos com a FAGED, haja vista todos fizeram seu doutoramento no Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS. Assim, suas histórias de vida se entrecruzam com a história desta Faculdade. Os três trabalham com formação docente em Faculdades de Educação, apenas Mônica é professora em outra instituição de ensino superior.

Conhecidos os sujeitos que narraram suas memórias, apresento o roteiro utilizado nas entrevistas. Cabe ressaltar que, para chegar a essa versão, foram necessários vários ensaios, a fim de elaborar as questões que viessem ao encontro do objetivo da pesquisa que é compreender o cotidiano vivido no Curso de Pedagogia, considerando suas relações com a Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, entre as décadas de 1970 e 1990.

IDENTIFICAÇÃO: Entrevistadora: Luana Born Machado

Entrevistada: \_\_\_\_\_

Data da entrevista: \_\_\_\_\_ Horário de início: \_\_\_\_\_

Horário de término: \_\_\_\_\_ Local: \_\_\_\_\_

Sobre a entrevistada:

Ano de ingresso no Curso de Pedagogia: \_\_\_\_\_

Ano de conclusão do Curso: \_\_\_\_\_

Curso em outra graduação em paralelo à Pedagogia ou depois? \_\_\_\_\_

#### Roteiro

- Escolarização antes da faculdade: onde estudou, falar sobre a escola, se considerava um “bom aluno”, lembranças de professoras/es (algum deles te inspirou a ser professora?)
- Por que escolheu cursar Pedagogia na UFRGS?
- Como foi teu ingresso na UFRGS: morava em Porto Alegre? Comente possíveis expectativas e/ou dificuldades.
- Como foi teu primeiro dia na FACED?

Lembranças do Curso de Pedagogia:

- **O que você lembra do currículo do Curso de Pedagogia?**
- Sobre as Disciplinas: quais as que você mais gostou, quais não gostou.
- Sobre as professoras: quem era progressista, conservador, que lhe marcaram positiva ou negativamente. Que lembranças você tem da professora Merion Bordas? Havia muitos professores substitutos?
- Sobre os estudantes/turmas: eram numerosas? havia evasão? havia rapazes? presença de alunas negras e/ou indígenas? havia estudantes que vinham de regiões periféricas da cidade? era comum as estudantes trabalharem no turno inverso ao da aula? Sobre os afetos entre colegas: amizades, namoros.
- Sobre atividades de pesquisa e extensão: como se dava o envolvimento das estudantes com pesquisa e extensão? Era comum? Você lembra algo referente ao PERICAMPUS?
- **Que lembranças o prédio da FACED lhe evoca?** Como era a relação com o Colégio de Aplicação? E a relação com as demais licenciaturas? Como era conviver com crianças no prédio? E as salas de aula, como eram? As aulas eram pela manhã ou tarde? (mostrar fotos, perguntar se quando estudou ainda havia o espaço no térreo com as colunas que depois foi fechado arbitrariamente por um diretor do CAp)
- As décadas de 1980 e 1990 foram momentos importantes para a sociedade brasileira. Retomada do conceito de democracia, o movimento das Diretas Já, promulgação da Constituição Federal/1988. Tudo isso impactou as universidades federais. Nesse sentido, **você lembra do impacto das greves de docentes da UFRGS na vida dos estudantes? Houve greves de alunos, protestos, mobilizações? E como as políticas públicas nacionais interferiram nos rumos da UFRGS? Sucateamento? Falta de professores?**  
**Para Mônica:** Você estudou nos anos 1970. Que lembranças você tem de possíveis



impactos da ditadura civil militar na Faculdade de Educação?

- **Movimento estudantil:** participava do DAFE ou DCE? Como funcionava a participação estudantil na UFRGS? Possíveis disputas e conflitos (alunos, professores, diretoria,...)
- Qual era a relação da **graduação com a pós-graduação** na FACED?
- **E as formaturas?** Como foi a sua? Professores homenageados? Parainfo? Discursos...
- Você tinha outros envolvimento com a Faculdade para além das aulas? Participava de **atividades de extensão ou pesquisa**? Em caso afirmativo, vinculada a qual projeto e com qual professor?
- Em que momento de sua vida **começou a trabalhar**?
- E a atividade de docência? Quando iniciou em sua vida? Fale um pouco sobre as **primeiras experiências como professora**?
- Fale um pouco sobre sua **formação continuada** após ter concluído a graduação em Pedagogia:
- **E a vida profissional**, como se desenvolveu? Trabalhou como docente na rede pública ou em escolas privadas?
- Como você avalia os ensinamentos do Curso de Pedagogia considerando sua trajetória de vida? **O que o Curso de Pedagogia representou em sua vida?**
- Lembranças insistentes da tua formação que vem a cabeça quando se lembra da graduação.
- Fatos vividos na FACED que marcaram (em relação ao contexto histórico)
- Você manteve **vínculos com a FACED** após a conclusão da graduação?
- Fale um pouco sobre a **atividade profissional atual**.

Algumas perguntas se constituíram em “perguntas de abertura”, termo usado por Errante, elas, “inicialmente, pareciam não suscitar a informação que eu estava buscando, mas que, de fato, suscitavam um fluxo de memória.” (2000, p.149). Por isso, para uma questão, podem ter vários desdobramentos.

Com o roteiro estabelecido, pude marcar as entrevistas, conforme a disponibilidade de cada narrador. Ao entrar em contato com cada um deles, solicitei que, se possível, buscassem em suas relíquias pessoais lembranças materiais dos tempos da graduação em Pedagogia, lembranças essas guardadas ao longo dos anos. O propósito era que tais artefatos funcionassem como evocadores de memórias.

Foi necessário que eu conversasse duas vezes com cada sujeito e os encontros tiveram a duração de mais ou menos uma hora e meia. Destaco a importância das anotações que fiz, assim que saía de cada entrevista, procurava retomar os registros e acrescentar outros aspectos. Esses registros auxiliaram a

melhor compreender aquele que falava, tendo em vista que o gravador captura somente vozes, mas é a pessoa inteira que se deixa revelar ao fazer uma imersão em suas memórias.

Possivelmente, a entrevistada que mais tenha se comovido foi Mônica, que, ao rememorar, expressou-se não somente em palavras, mas corporalmente. Emocionou-se por diversas vezes ao mergulhar em suas memórias, contando sobre sua vitória de estudante de escola pública, enfatizando momentos de tensão vividos durante a Ditadura Civil Militar. Por vezes, seus olhos enchiam de lágrimas, em outros momentos, nem conseguiu contê-las, ainda quando enfatizava algo, chegava a dar batidas na mesa.

Tânia, ao conversar comigo, falava não somente com palavras, mas através de suas expressões faciais, sorriu muito ao rememorar seu passado, entretanto ficou séria nos momentos em que lembrou do sucateamento da Universidade e de suas lutas em defesa de um ensino público e de qualidade.

Ao realizar a primeira conversa com Rafael, pareceu-me que para ele era fácil lembrar. É mais jovem que as demais entrevistadas. É possível que o fato de ter concluído a graduação no final da década de 1990 lhe permita uma maior facilidade em transitar por aquele passado recente, pois é um jovem professor com características geracionais que lhe aproximam de seus alunos.

Assim, a primeira entrevista aconteceu com a ex-aluna da década de 1980, Tânia e o local escolhido foi a Brinquedoteca da FACED<sup>4</sup>, um lugar especial para essa professora. Ela estava tranquila, pude perceber que havia se preparado para aquele evento, levou consigo seu convite de formatura e seu histórico do Curso.

Busquei iniciar a primeira entrevista com cada um da mesma forma, não apresentando diretamente os questionamentos, mas sim provocando o exercício das memórias, usando como disparadores fotos antigas da FACED.

---

<sup>4</sup>A Brinquedoteca da FACED faz parte do projeto de extensão “QUEM QUER BRINCAR”, coordenado pela professora Tânia Fortuna. É um espaço de formação lúdica dentro da Faculdade de Educação da UFRGS. Conheça mais em: <http://www.ufrgs.br/faced/extensao/brincar/>



Figura 1. Faced construída sobpilotis  
Fonte: Acervo Memória Faced



Figura 2. Faced em outro ângulo  
Fonte: Acervo Memória Faced



Figura 3. Pátio das crianças do Aplicação e Faced  
Fonte: Acervo Memória Faced



Figura 4. Faced  
Fonte: Acervo Memória Faced

As quatro fotos podem ser agrupadas em dois momentos da Faculdade de Educação. A primeira e a segunda representam sua construção original, sob pilotis. O que diferencia as outras fotografias é o fechamento de parte do andar térreo<sup>5</sup>. Além disso, nas fotos 3 e 4, vemos o entorno do prédio ainda no tempo em que o Colégio de Aplicação/ CAp<sup>6</sup> dividia espaço com a Faculdade. Na última, imagem de crianças, possivelmente estudantes do “Aplicação”.

Nas entrevistas, essas fotos tiveram papel fundamental, pois foram disparadoras de memórias. A primeira reação dos três foi buscar a foto do prédio correspondente ao período em que estudaram. Mônica e Tânia apontaram a figura número 1 como correspondente à sua época de estudos, e cada uma delas teve uma reação diferente ao se deparar com a imagem. Mônica logo disse, “esse foi o prédio no qual eu estudei... Esse era o prédio” e, separando as outras fotos, continuou, “e aqui já é outro tempo da FACED, não é o tempo que eu frequentei.”

Tânia foi um pouco além, observando as fotos que foram dispostas sobre uma mesa,

Bom, quando eu olho essas fotos, a primeira que me chama atenção, além da ausência de árvores, ou de árvores pequenas, ainda, não é? Essa aqui apresenta o vão que hoje acomoda a sala 102. E eu lembro que esse vão, ele era uma espécie de ágora, assim, uma praça de convívio... [...] era muito ventoso, e aí, portanto, pouco apropriado pra gente ficar ali conversando, mas ao mesmo tempo era um lugar de passagem, porque as pessoas iam pra Reitoria, ou iam pro bar, ou chegavam por ali na faculdade, tinha o outro bar que tinha acesso por aqui também, então nós acabávamos transitando muito sob esse vão (TÂNIA, março, 2016).

---

<sup>5</sup> O vão da FACED era usado como ponto de encontro da comunidade acadêmica, porém, em meados da década de 1980, quando professores e estudantes retornaram de férias encontraram a base do prédio fechada com paredes. Como o Colégio de Aplicação da UFRGS ocupava do 1º ao 5º andar a construção, a direção mandou fechar para ser um espaço para as aulas de Educação Física, mesmo que o Colégio fosse um órgão auxiliar da Faculdade de Educação a direção só tomou conhecimento quando a obra já havia sido concluída (Paineira, 2010).

<sup>6</sup> O Colégio de Aplicação passou a ocupar o prédio em que a FACED se situa no ano de 1966 e permaneceu lá até 1996 quando ganhou sua própria sede no Campus do Vale da UFRGS. Para saber mais ler Almeida, Lima e Silva.

Ela observa os detalhes, como as árvores de cada imagem e passa a rememorar sobre os vãos que hoje dão lugar a sala 102. Rafael, em sua primeira entrevista, ao observar as fotos, se identificou com a última imagem, pois ela é colorida e mais próxima do que a Faculdade é hoje.

Ainda sobre evocadores de memórias, levei para Tânia um excerto de uma entrevista do projeto Memória FACED<sup>7</sup>,

Quando tu chegares na praça do Colégio Rosário [...] tu olha em frente, atrás está o rio, olha em frente e o maior prédio com azul é o da tua Faculdade, hoje eu sei que ele não é o maior. Desde então ele é uma bússola na minha vida, toda vez que tenho que viajar, e tenho feito muitas vezes de avião, procuro um prédio. Essa bússola, essa referência. E foi realmente mágico e eu de vez em quando ao caminhar por ali e me ponho naquela praça e me oriento na direção deste prédio que tem norteado mesmo a minha vida.<sup>8</sup> (Ébano Oriental, 2011)

Logo a entrevistada reconheceu sua fala e, com um sorriso, disse: “Ah! Sou eu! [...] Exatamente! Exatamente!” e seguiu contando que costuma explicar aos seus alunos do primeiro semestre de graduação em Pedagogia que a FACED é uma espécie de bússola em sua vida, que quando viaja de avião, não busca sua casa lá do alto, mas sim a FACED.

Penso que os evocadores foram importantes neste trabalho, pude sentir que fizeram toda a diferença no sentido de provocar o trabalho da memória. Também ajudaram a desencadear a conversa, por vezes nem foi necessário que eu perguntasse o que estava no roteiro, já havia sido respondido. Cabe ressaltar que cada um escolheu um modo próprio de responder aquilo que estava previsto. Não é demais reforçar que nossas memórias não são espontâneas, precisam ser estimuladas para fazer lembrar.

Pequenas mudanças foram acontecendo no desenrolar da entrevista, tendo em vista o direcionamento que eu ou o próprio depoente dava à conversa, porém, na entrevista compreensiva<sup>9</sup> isto não é um problema, já que sua estrutura é flexível.

Durante as entrevistas, procurei manter-me o mais distante o possível, falando ou interrompendo o mínimo, mas Vidal aponta que, “afirmar a neutralidade

---

<sup>7</sup>O projeto Memórias e Histórias da FACED produziu vinte entrevistas com professores da FACED, alguns deles aposentados. Para preservar o anonimato de cada depoente foram escolhidos nomes de árvores como pseudônimos, a inspiração veio dos nomes das árvores do Campus Central da UFRGS, bem como de árvores do Parque Farroupilha.

<sup>8</sup> A narrativa é um excerto de uma entrevista concedida em 2011, para o projeto Memória FACED.

<sup>9</sup> Termo usado por Zago, 2003.

do (a) historiador (a) na construção do documento oral é [...] uma impossibilidade” (1998, p.12). Fui percebendo que meu silêncio nem sempre ajudava o narrador, mas admito também, que quando fui ficando mais a vontade/confiante com o meu próprio trabalho, pude dialogar mais com os narradores. Dessas experiências, concluo que dialogar com o narrador é essencial, desde que o pesquisador consiga avaliar quando é o *momento certo*, possivelmente em alguns eu não tenha acertado, contudo, este é um aprendizado que vai sendo construído com a experiência.

Por fim, acredito que os (des) caminhos deste trabalho foram necessários já que com eles aprendi que, em uma pesquisa, mesmo o que no momento nos pareça que deu errado, pode ser um novo caminho se visto com olhares atentos.

No próximo capítulo, apresento uma breve contextualização do país das décadas de 1970, 1980 e 1990, procurando atrelar à história da FACED naquele período.

### 3. HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFRGS

[...] a lembrança depende dos significados que o narrador atribui às suas reminiscências: ele ou ela vai evidenciar aquilo que mais lhes dá sentido (FISCHER, 2011, s/p).

Antes de entrar na discussão sobre a constituição da FAGED, em meio ao contexto histórico de cada década, cabe reforçar que este é um estudo ancorado nas memórias de três estudantes egressos do Curso de Pedagogia, dos anos 1970, 1980 e 1990. Importa ainda dizer que a narrativa de cada um deles representa o exercício do lembrar, evidenciando os significados de estar na FAGED na condição de alunos.

#### 3.1 A CONSTITUIÇÃO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO NO CAMPUS CENTRAL DA UFRGS

A memória é uma espécie de caleidoscópio composto por vivências, espaços e lugares, tempos, pessoas, sentimentos, percepções/sensações, objetos, sons e silêncios, aromas e sabores, texturas, formas. Movemos tudo isso incessantemente a cada movimento do caleidoscópio a imagem é diversa, não se repete, há infinitas combinações, assim como, a cada presente, resificamos a nossa vida. (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 420)

Insistindo nas memórias da FAGED, penso que seja importante conhecer a história da Faculdade, considerando suas implicações no contexto político, econômico e social dos anos 1970, 1980 e 1990, décadas em que os entrevistados da pesquisa fizeram a graduação em Pedagogia na UFRGS.

Documentos da Universidade apontam que o Curso existe desde 1942 vinculado à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade de Porto Alegre. Em 1947, a Universidade passou a se chamar Universidade do Rio Grande do Sul. Em 1950, vinculou-se ao sistema federal, mas somente em 1970, quando aconteceu a Reforma Universitária, assumiu a nomenclatura UFRGS. Naquele mesmo ano, a UFRGS passou a se organizar por Institutos e Faculdades e assim foi criada a Faculdade de Educação (ALMEIDA, LIMA; SILVA, 2013).

Com a extinção do Instituto de Filosofia, constituíram-se cinco unidades: a Faculdade de Educação, o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, o Instituto de Letras e o Instituto de Biociências.

A Reforma Universitária trouxe para o ensino superior a ampliação do número de vagas, porém, Doll e Comerlato (2010) explicam que o início destas novas unidades tiveram “[...] sua origem marcada pela tentativa do Governo Federal de desarticular os focos de resistência à Ditadura Militar na virada da década de 1970” (p.5).

Com isso, compreende-se que, para o Governo Federal, professores e alunos que lutavam contra a Ditadura Civil Militar eram vistos como uma ameaça ao governo vigente da época<sup>10</sup>, por outro lado, com a Reforma Universitária o acesso ao ensino superior ampliou-se em oito vezes. Conforme Priore e Venancio,

Durante a maior parte do século XX, o ensino universitário foi acessível a um grupo extremamente reduzido; nos anos 1960, porém, essa situação começa a se modificar. O caso brasileiro é típico: entre 1948 e 1968, o número de estudantes universitários passa de 34 mil para 258 mil; no mesmo período em que a população brasileira dobra, o número de jovens que frequentavam universidades aumenta oito vezes. O crescimento desse seguimento torna-o cada vez mais capaz de influenciar politicamente a sociedade (2010, p. 281).

Com o número de vagas na Universidade sendo ampliado, era necessário que os focos de resistência fossem separados, tendo em vista que a população estava atingindo um maior nível de ensino. Por isso, a partir de 1970, o Curso de Pedagogia passou a ocupar alguns andares do prédio em que já estava sediado o Colégio de Aplicação, desde 1966. Em 1972, criou-se o Programa de Pós-graduação em Educação também no mesmo prédio.

O Colégio de Aplicação utilizava os cinco primeiros andares do edifício, os demais andares atendiam o Curso de Pedagogia, o Programa de Pós-graduação e a oferta de disciplinas dos cursos de licenciatura. Em 1996, após muitos conflitos entre as duas partes, o CAp ganhou um prédio novo no Campus do Vale.

Seis anos antes de o Colégio deixar o prédio, houve uma mudança significativa em sua estrutura, a construção feita sobre pilotis, sendo considerada uma construção moderna e arrojada na época, foi fechada, dando origem a uma

---

<sup>10</sup> Presidente Arthur da Costa e Silva mandato de 1967 até 1969 do partido político Aliança Renovada Nacional/ARENA.



espécie de auditório, uma sala de aula e o Diretório Acadêmico (antigo bar da FACED).

Além desta alteração no prédio, aconteceram também mudanças curriculares. Conforme Almeida, Lima e Silva (2013) na década de 1970, com a Reforma Universitária, o Curso de Pedagogia foi dividido em cinco habilitações: Administração Escolar, Inspeção Escolar, Supervisão Escolar, Orientação Educacional e Matérias Pedagógicas da habilitação do Magistério. Nos anos de 1980, diante de um novo cenário de redemocratização no Brasil, o currículo passou por uma reestruturação e as habilitações passam a ser em pedagogia pré-escolar e séries iniciais, manteve-se a habilitação magistério.

As cinco habilitações do Curso na década de 1970 preparavam técnicos em educação, isso quer dizer que as pedagogas formadas não eram capacitadas para darem aulas, mas sim para trabalharem em áreas técnicas da educação, mas nos anos 1980, este cenário foi modificado, as novas graduandas de Pedagogia passaram a ter sua formação mais direcionada à sala de aula, desde o Jardim de Infância até os anos iniciais do ensino fundamental.

Mudanças não ocorriam somente na UFRGS/FACED, mas também no Brasil e a fim de compreender tais mudanças no país, faço uma pequena síntese da história política do país desde o ano de 1961<sup>11</sup>.

Início contextualizando a história política do Brasil a partir do período entre 1961 a 1963, pois penso que seja importante compreender alguns acontecimentos anteriores para que se entendam os fatos a partir da década de 1970.

No período de 1961 a 1963, houve mais greves do que no período de 1950 a 1960. Quanto às greves gerais, que envolvem várias categorias, o crescimento foi de 350%, o que gerou vários transtornos para a população. Em 31 de março de 1964, o Presidente da República, João Goulart, foi deposto e em 15 de abril o general Castello Branco assumiu o governo do país (2010).

Inicialmente os militares diziam que o golpe militar era em defesa a um outro suposto golpe que João Goulart planejava e que no ano seguinte haveria eleições presidenciais, porém isso não aconteceu.

Neste período, as elites dominantes apostavam na Ditadura Civil Militar para que continuassem existindo, assim, lutar pela democracia, para eles não era

---

<sup>11</sup>Apoio-me em PRIORE; VENANCIO (2010) e SCHWARCZ; STARLING (2015).

importante. Em contra partida, a classe média juntamente com estudantes e professores universitários uniram-se a favor da democracia. Em 1967 até 1970, grupos guerrilheiros assaltaram cerca de 300 bancos. Na época os assaltos foram chamados de “desapropriações revolucionárias” (2010) e a arrecadação foi de mais de 2 milhões de dólares.

O ano de 1968 teve grandes marcos, como maior endurecimento do regime militar, proibição da defesa da democracia, de eleições diretas e nova Constituição. Ao mesmo tempo, a economia do país voltava a crescer, em 1973 superaram-se os 10% ao ano, essa retomada do crescimento foi chamado de *milagre econômico*.

Mas em 1974, o Brasil voltou para uma forte crise devido ao alto valor do petróleo e das dívidas externas. Neste mesmo ano, Ernesto Geisel defendia uma abertura política lenta, segura e gradual, em 1969 o general João Baptista de Oliveira Figueiredo assumiu a Presidência da República. Ao que tudo indica, neste momento, nem os mais beneficiados defendiam a Ditadura Civil Militar e iniciava a participação popular em prol da democracia.

Nos anos de 1978 e 1979, iniciou um lento processo de abertura política, em que muitos exilados começaram a retornar para o Brasil e houve um certo abrandamento na censura. Em 1981, iniciou-se uma nova recessão econômica no país que durou três anos. Neste período, era crescente a mobilização popular para a retomada da democracia e a FAGED não ficou de fora disso,

[...] não se pode esquecer da participação nas greves da Universidade, como por exemplo, a de 1984, anunciando uma nova perspectiva política. As greves foram, geralmente, um momento de encontro e de intensivos debates da comunidade da FAGED (DOLL; COMERLATO. 2010, p.7)

As greves são um marco histórico, não somente para a FAGED que era ponto de encontro e debate, mas também para a UFRGS que contava com a forte presença de professores e alunos em calorosos debates.

Nos anos de 1983 e 1984, o movimento das “Diretas Já” conseguiu grande adesão popular e, no ano de 1984, a ementa Dante de Oliveira<sup>12</sup> foi levada ao Congresso Nacional, porém não foi votada por falta de quórum. Mesmo que o movimento não tenha atingido seu objetivo, as “Diretas Já” ganhou grande repercussão na mídia, assim, após 20 anos, a sucessão presidencial não era mais

---

<sup>12</sup> A ementa reestabelece a eleição direta para presidente.

controlada por militares. O último presidente escolhido indiretamente foi Tancredo Neves que morreu antes de assumir o cargo, José Sarney como vice assumiu a Presidência. Há grande frustração com seu mandato, foram registrados casos de corrupção e nepotismo, mas avanços democráticos significativos.

Um destes avanços aconteceu em 1988, o então Presidente da República convocou uma Assembleia Constituinte que tinha por finalidade elaborar uma nova Carta Constitucional ao país em consonância aos valores democráticos, repudiando o passado dos governos militares. O produto é a Constituição Federal de 1988, a mais progressista na história do país, conhecida como “constituição cidadã” por garantir muitos direitos aos brasileiros.

Na década de 1990, o Brasil novamente passou por problemas políticos, o impeachment do Presidente Collor de Mello foi aprovado pelo Senado Federal. Quem assumiu o governo foi seu vice. Itamar Franco assumiu a Presidência da República, porém, existiam diversos problemas do mandato anterior a serem resolvidos, como por exemplo, o confisco financeiro que tentava conter a inflação de 1000% ao ano<sup>13</sup>.

Com a inflação em alta, Itamar Franco, ao convidar Fernando Henrique Cardoso para ser Ministro da Fazenda, encomendou um plano econômico que baixasse a inflação, há que se ressaltar que “entre 1980 e 1993, o Brasil teve quatro tipos de moeda, cinco congelamentos de preços, nove planos de estabilização econômica e onze índices diferentes para medir a inflação” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p.496).

Em 1994, Fernando Henrique Cardoso/FHC venceu as eleições presidenciais e assumiu seu posto no ano seguinte. Em seu mandato, a reeleição presidencial foi aprovada pelo Congresso e FHC se reelege, ficando oito anos no poder.

Nestes oito anos de mandato, FHC voltou seu governo às privatizações de empresas estatais, internacionalização da economia, desregulamentação de mercados e controle de gastos públicos, provocando o sucateamento das universidades públicas e de tantos outros serviços.

Com vários cortes, privatizações e greves, a década de 1990 foi um tempo difícil na história do país. Neste sentido, Rafael, em seu discurso de formatura, deixa

---

<sup>13</sup> Plano Brasil Novo mais conhecido por Plano Collor foi um conjunto de reformas econômicas no mandato de Fernando Collor de Mello a fim de conter a inflação, que para isso combinava a liberação fiscal e financeira.

em evidência a preocupação que ele e seus colegas tinham quanto aos rumos que a universidade pública estava tomando,

Já que o assunto é universidade pública, não é possível deixar de nos manifestarmos a respeito da situação em que se encontra nosso ensino público superior. De tal forma sucateado e segregado: temos visto tortuosamente ruir sua perspectiva pública e democrática, junto a ela vemos ruir também a esperança da construção de um país mais justo, democrático e soberano. Não precisamos ser letrados para compreendermos a afirmação de que um país sem educação é um país dependente. Não precisamos ser letrados para saber que a educação superior: através da pesquisa, do ensino e da extensão é a base sólida de um projeto de desenvolvimento de qualquer país, o que significa perguntar qual o projeto/modelo de desenvolvimento de um país que não investe e não valoriza o ensino público? Deixamos então este questionamento em aberto para reflexão. (ARENHALDT; ANDRADE, 1999. Fonte: acervo pessoal do autor)

Pode-se perceber que o discurso de formatura traduz as questões políticas e econômicas da década de 1990, pois condena o controle de gastos públicos que atingia diretamente Universidade, produzindo seu sucateamento. Além disso, é possível notar a preocupação com as políticas públicas que permitem maior acesso da população ao ensino universitário.

Neste sentido, o discurso dos formandos deixa claro que a situação desta Universidade não era boa, estudantes e professores sentiam-se abandonados e, como medida de mobilização professores, alunos e funcionários da Universidade entraram em greve. Vale ressaltar que a formatura de Rafael foi adiada pela greve na Universidade.

Tânia, que já era professora na FACED naquela década, comentou sobre o prédio sucateado,

[...] se a gente acha ele deplorável, imagina bem pior, muito pior. Acentos no vaso sanitário não existiam, papel higiênico, nunca. Água? Esse mesmo problema que a gente vive hoje a trinta anos já acontecia, de não ter água no prédio e assim como aqui, em todos os outros prédios na vizinhança, às vezes em condições ainda mais precárias, portas quebradas ou ausência de portas, era muito, muito ruim, fisicamente ruim. (Tânia, março de 2016)

Ainda na entrevista, diz “[...] eu fico achando que um dia não foi assim, mas não no meu tempo, eu já entrei com ela pobre”, referindo-se à UFRGS em geral. A estudante apresenta em seu depoimento uma certa idealização da Universidade no

passado e, ao usar o adjetivo “pobre”, evidencia o descuido que os governos dos anos 1980 e 1990, especialmente, tiveram com os espaços públicos de educação.

Pelas narrativas, vê-se que tanto Tânia como Rafael, enquanto alunos em décadas distintas, se preocupavam com os destinos da Universidade, tendo em vista os discursos dos anos 1990, que enfatizavam a necessidade das privatizações do setor público. É assim que Tânia sinaliza em sua fala uma Universidade em processo de decadência, mas que ainda tinha muito a oferecer intelectualmente, mesmo em um cenário desfavorável.

Pode-se dizer que na década de 1990 o país vivia um paradoxo segundo Schwarcz e Starling, “[...] ser um país onde a democracia convivia com a injustiça social” (2015, p.496), mas a FAGED já se preocupava com isso há algum tempo, exemplo disso, foi o projeto PERICAMPUS, criado pela professora Merion Bordas e implementado em 1981. Por isso,

É possível dizer que a implementação do PERICAMPUS se inscreve nesse contexto de uma Universidade que, ainda timidamente, passou a propor ações, buscando intervir, positivamente, nas condições de vida de comunidades periféricas. (ALMEIDA, 2015. p.134)

Neste sentido, o PERICAMPUS unia professores universitários da UFRGS, alunos de graduação, professoras do ensino básico que aliavam seus conhecimentos a diversas áreas, tais como, Medicina, Odontologia, Psicologia, Letras, Engenharia e Pedagogia. Era um projeto inovador que na década de 1980 tinha foco na interdisciplinaridade.

Este projeto tinha como objetivo de melhorar a qualidade do ensino público e suas ações aconteciam em torno do Campus do Vale, na cidade de Viamão, região metropolitana de Porto Alegre. A criadora do projeto ao ser entrevistada<sup>14</sup> conta que,

[...] fui muito atacada de início pelo PERICAMPUS, nossa, eu me lembro assim, uma colega que eu gosto muito dela, disse: esse projeto é uma coisa ridícula, tu tá querendo pagar tua culpa social com esse projeto. Aí, eu fiquei olhando pra cara dela [...] não precisava ouvir isso, né?(BORDAS, 2013)

Inúmeras críticas foram tecidas ao Programa, como por exemplo, de que a FAGED não produzia conhecimentos, mas sim, assistencialismo, vale ressaltar que

---

<sup>14</sup> Entrevista concedida para o projeto Memória FAGED em 2013 em caráter de professora da FAGED.

este projeto teve uma década de duração. Através das análises elaboradas sobre as redações de alunos do PERICAMPUS<sup>15</sup>, pode-se afirmar que mais do que dar assistencialismo, o Programa fazia com que os alunos refletissem sobre suas vidas e condições sociais de um país que retomou sua frágil democracia.

Por fim, os sujeitos que passaram pela FACED foram deixando marcas no prédio, no campus, na Universidade e no país, por seus debates, suas opiniões e suas lutas pela democracia, pela educação básica e universitária pública, gratuita e de qualidade, e estas marcas, ao passar dos anos, se transformam em memórias e estas memórias, na próxima sessão, são transformadas em história.

### 3.2 Narrativas de memória de egressos do Curso de Pedagogia

Nesta sessão, é chegado o momento de analisar as narrativas orais dos três estudantes egressos, procurando chegar ao objetivo desta pesquisa, que é compreender o cotidiano vivido no Curso de Pedagogia, considerando suas relações com a Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, entre as décadas de 1970 e 1990.

Após escutar, transcrever e muito estudar as memórias de Mônica, Tânia e Rafael, busquei aproximações e distanciamentos nas falas dos três personagens desta pesquisa, para, enfim, construir esses eixos de análises:

- 1) Escolha pela Pedagogia: “Vou para a FACED”<sup>16</sup>
- 2) Ecos de outras memórias do Curso de Pedagogia: a formação e o prédio em meio aos contextos políticos

#### **1) Escolha pela Pedagogia: “Vou para a FACED”**

Durante as entrevistas, pude perceber que, para cada um dos narradores, as lembranças do Curso de Pedagogia emergiram de modos distintos. Entretanto, em seus percursos iniciais de escolarização, há algo em comum: são os três oriundos de escolas públicas.

---

<sup>15</sup> Ver texto: Esquecidas em um armário: redações escolares desenvolvidas no programa PERICAMPUS/UFRGS (1987-1991).

<sup>16</sup> A expressão entre aspas foi proferida por Mônica ao explicar sua afirmação pela carreira de professora, após a conclusão do ciclo básico.

Mônica, estudante egressa da década de 1970, com muito orgulho narra suas origens, “minha escolarização tem uma marca! Eu sou um produto da escola pública, eu só estudei na escola pública”. Tânia, além de estudante de escola pública, tem outra característica que compõe sua escolarização: “Eu nasci em uma família de pais professores e vivi a vida deles professores, frequentando as escolas onde os dois trabalhavam, tanto meu pai, quanto minha mãe [...]”. Cabe a observação que os pais da entrevistada eram professores de escola pública.

Assim como a docência esteve presente na família de Tânia, Rafael também tinha o pai professor de Música. Podemos supor que os dois escolheram a carreira discente pelos bons exemplos de professores em suas famílias, pois Tânia contou que, desde pequena, costumava acompanhar seus pais nas escolas em que trabalhavam. Rafael também narrou histórias que envolviam seu pai cercado de alunos, quando chegava à escola. Talvez, assim como os familiares tenham sido responsáveis, de algum modo, pelas escolhas profissionais, hoje, Tânia e Rafael também podem ser exemplos de docentes para jovens universitários que desejam seguir o magistério.

Destaco que Rafael iniciou seus estudos em escola pública, mas necessitou migrar para o ensino privado quando começou a trabalhar, “[...] eu sou aluno de escola pública, de uma escola pública do interior do Rio Grande do Sul, Lajeado e... e antes de terminar o Ensino Médio, eu comecei a trabalhar, então eu tive algumas trocas, eu fui para o noturno [...]” (Rafael, abril de 2016).

Durante as conversas, senti que para os três estudantes egressos, a passagem pela escola pública teve um peso importante em suas trajetórias. Ou seja, o sucesso profissional está entrelaçado ao fato de terem frequentado este tipo de instituição de ensino. Há que se admitir que, principalmente quando Mônica e Tânia estudavam, a escola pública não enfrentava tamanhas fragilidades como atualmente, havia uma maior valorização, diferente de hoje.

Uma pergunta muito pertinente foi feita: “Por que escolheu cursar Pedagogia na UFRGS?”, tal questão se fez necessária, uma vez que a escolha de muitos anos atrás reflete na vida atual de cada um deles. Importante dizer que os três narradores tiveram respostas distintas diante do questionamento.

Antes de cursar Pedagogia na UFRGS, Mônica havia cursado o Magistério no Instituto de Educação General Flores da Cunha. Para ela, a Pedagogia era uma

reafirmação de sua escolha, como ela mesma diz, “quando chega no final<sup>17</sup>, a gente é surpreendido com essa novidade e me vou, reafirmo a minha escolha e vou pra FACED” (Mônica, março de 2016)

Importa mencionar que sua escolha pela UFRGS se deve em função de uma afirmação do pai, “[...] mas tu nunca tiveste uma intercorrência escolar, nunca rodaste, se por ventura tu não passares no vestibular, tu fazes um cursinho e tu vais fazer vestibular na UFRGS, porque tu és uma aluna para a UFRGS” (Mônica, março de 2016). O que seu pai diz pode ser relacionado à reputação da instituição de ensino, por sua excelência, mas que não era acessível a todos naquele tempo. Os que ali estudavam, pertenciam a camadas abastadas da população.

Tânia, assim como Mônica, também cursou o Magistério. Dois fatores se complementam na escolha pela UFRGS, pelo fato do ensino gratuito, aliado a excelência que a instituição de ensino superior mantinha na sociedade rio-grandense. Em suas palavras: “Primeiro porque era pública e eu vinha de uma escola pública, [...] mas o que balizou a minha decisão antes de tudo foi o aspecto econômico e complementarmente a reputação da instituição [...]” (Tânia, março de 2016).

Porém, é possível que a escolha pela Pedagogia tenha se dado desde a sua infância ao acompanhar seus pais nas escolas em que trabalhavam, “[...] de modo que muito cedo eu já não pensava em outra coisa, se não ter meus próprios alunos, era um pouco de inveja deles. (Tânia, março de 2016).” E talvez essa *inveja* que Tânia sentia, tenha impulsionado ela desde muito cedo a ser professora, como ela conta:

Eu comecei muito cedo, podes ver que eu tinha uns oito anos quando comecei a trabalhar numa escolinha que eu resolvi abrir na rua... peguei uma placa que tinha a visão de alguma coisa da rua e coleei na placa escrito com a minha letra e a cores “escola faz de conta”, aí regimentei toda a criançada da rua e das ruas de trás e da frente e meus irmãos. Já era uma escola muito moderna Luana, multisseriada, uni docente e baseada essencialmente em um trabalho ao ar livre, porque, claro, tudo era faz de conta na minha escolinha, a parede era faz de conta, o teto era faz de conta, as mesas dos alunos era faz de conta e principalmente, a questão do conteúdo também era faz de conta, como dar aula? Do que dar aula? Eu pegava as matrizes dos professores e da minha mãe na escola e escolhia as coloridas e as que tinham desenho, num claro compromisso com a questão lúdica, eu já era uma educadora lúdica. (Tânia, março de 2016).

---

<sup>17</sup> Os estudantes que passavam no vestibular, não ingressavam diretamente no curso escolhido, havia uma preparação, que era chamado Curso Básico.



Enquanto Tânia rememorava essa história, seu semblante mudava, acredito que por certo saudosismo desta época de criança e, ao mesmo tempo, por perceber que seu trabalho de docente é norteado pela preocupação com a ludicidade na sala de aula desde a infância. Essa é uma afinidade da professora que a acompanha desde seus oito anos de idade. Observa-se que *brincar de professora* não é um comportamento exclusivo de Tânia, já que, desde muito cedo, meninas são estimuladas a este tipo de brincadeira, dito propriamente para meninas, talvez por ser uma profissão ainda quase que exclusivamente ocupada por mulheres.

Talvez tanto para Mônica como para Tânia, a opção pelo Curso de Pedagogia tenha sido mais fácil do que para Rafael que, ao concluir o segundo grau de ensino<sup>18</sup> ainda não tinha clareza acerca do que gostaria de estudar.

[...] terminei o ensino médio, comecei a trabalhar. Primeiro e segundo ano trabalhando, ai que eu encontrei uma pessoa que tava fazendo cursinho pré-vestibular (que eu nem sabia que existia isso) tava fazendo cursinho pré-vestibular aqui em Porto Alegre e queria prestar vestibular pra UFRGS e ai eu disse, olha tem a UFRGS, tá ela é gratuita (isso eu até já sabia um pouco) e ai eu comecei: da pra passar na UFRGS? Será? (RAFAEL, abril de 2016).

Em sua narrativa, nota-se que os caminhos trilhados por Rafael até chegar ao Curso de Pedagogia na UFRGS foram distintos das demais entrevistadas. É possível que o fato de não residir em Porto Alegre tenha interferido em suas escolhas. Chegou a prestar vestibular para Administração de Empresas em uma instituição privada e cursou alguns semestres de Publicidade e Propaganda em outra instituição privada, em cidades próximas de sua moradia.

Podemos supor que Rafael é um sujeito com múltiplos interesses. Mas, em um determinado momento, o desejo pela docência calou fundo e ele arrisca-se a prestar vestibular na UFRGS para o Curso de Pedagogia. Aqui, mais uma vez, precisa-se referir mais uma vez a presença da inspiração do pai, também professor.

Quando ele indaga “será?”, em uma alusão direta à dúvida se seria ou não aprovado no vestibular, pode-se pensar se não acompanha a indagação o fato da boa reputação da própria instituição e a pouca quantidade de vagas naquele tempo,

---

<sup>18</sup> Até 1996, o Ensino Médio era denominado de Segundo Grau de Ensino. Como nossas memórias são pautadas pelo presente, por vezes Rafael chama o Segundo Grau de Ensino Médio, como hoje é conhecido, portanto é comum a mistura de expressões que mudam conforme as políticas de educação de cada época.

considerando também a inexistência de políticas de cotas raciais e sociais. Nota-se que, em suas memórias, a UFRGS estava associada a um lugar de ensino destinado a alunos de uma camada da população, via de regra, pertencentes a uma elite econômica e oriundos da escola privada. Cabe destaque que, naquela época, possivelmente Rafael deva ter se esforçado muito para conseguir a aprovação no exame vestibular, haja vista as dificuldades apontadas anteriormente. Vale dizer que o aumento de vagas para ingresso no Curso de Pedagogia e em toda Universidade, aconteceu a partir de 2002, quando Luiz Inácio Lula da Silva assumiu a Presidência da República.

Ao refletir sobre a trajetória de estudante de Rafael, não há como escapar de uma discussão acerca do caráter feminizado da profissão de professor, questão esta historicamente construída ao longo do século XX. Quando ele diz que se sentia “inseguro” no Curso de Pedagogia, esse sentimento poderia ter algo a ver com o fato de estudar em meio a muitas mulheres, tanto colegas, quanto docentes?

Neste sentido, Merion Bordas, antiga professora da FAGED, explica que “durante muitos anos a Faculdade de Educação, embora tivesse também professores homens, era conhecida como a Faculdade “das mulheres da Educação”. Esse estigma foi bem marcante e levou muito tempo para desaparecer.” (BORDAS; ANDREOLA. 2010, p. 302). Tendo a FAGED fama de Faculdade “das mulheres da Educação”, talvez se possa entender esses sentimentos difusos dos poucos homens que se arriscaram a cursar Pedagogia, bem como as dúvidas que Rafael sentia em relação ao seu futuro profissional, tendo em vista que cursou algumas disciplinas extra curriculares do Curso de Publicidade.

Durante a entrevista, cada um contou as atividades que desenvolveu na Faculdade, para além das aulas. Por exemplo, Mônica e Rafael foram representantes do Diretório Acadêmico da Faculdade de Educação (DAFE), ela como secretária e ele na função de assessor de comunicação. Diferente dos dois, Tânia lembra do “[...] diretório acadêmico muito apagado, eu lembro mais envolvido com promoção de festas e envolvido com festas envolvido bailes com outros cursos” (Tânia, março de 2016).

Ainda sobre os caminhos trilhados durante a graduação, Tânia e Rafael destacaram sua participação como bolsistas de iniciação científica. Segundo Tânia, esta oportunidade lhe “[...] deu uma outra visão da universidade.” Entretanto, Mônica tenta rememorar sobre tais atividades de iniciação científica e/ou extensão, e diz,

“[...] que eu saiba não tinha bolsa, o que tinha era o concurso para monitora” (Mônica, março de 2016).

Ao que tudo indica pela fala de Mônica, na década de 1970, diferente das décadas posteriores, a FACED oferecia menos oportunidades de bolsas de pesquisa e extensão, somente a monitoria, que era ofertada somente por alguns poucos professores.

Em sua primeira entrevista, Rafael confessou que, ao concluir o Ensino Médio e ingressar na Universidade, não sabia ao certo o que esperar, sabia que existiam as atividades de monitoria, mas não entendia como elas funcionavam. No entanto, a partir do terceiro semestre, já se sentindo pertencente ao Curso, ingressou como bolsista de iniciação científica, atitude que, de certa forma, ressignificou a Pedagogia para ele.

A ressignificação dada ao Curso de Pedagogia tem uma relação direta com a iniciação científica para Rafael e Tania, talvez porque a partir da inserção em outros espaços acadêmicos, os conhecimentos adquiridos passaram a fazer sentido para eles.

A questão de a iniciação científica aproximar a docência da Universidade foi trazida por Tânia que diz “acho que ali eu tenha começado a me tornar professora da UFRGS”. Penso que essas atividades desenvolvidas em paralelo às aulas tenham colaborado no processo formativo daqueles sujeitos. No caso de Tânia, parece que a docência na Universidade iniciou antes mesmo da conclusão da graduação, não no sentido de exercê-la na instituição naquele momento, mas que sua constituição como educadora foi se constituindo a partir das atividades de pesquisa às quais esteve vinculada. Docente da UFRGS há 22 anos, professora na FACED/UFRGS, e, em todos este tempo, buscou levar o lúdico para as suas aulas e seus projetos. Um exemplo disso é o “Quem quer brincar?”, Programa de Extensão Universitária criado por ela.

Rafael, que iniciou seu itinerário como bolsista de iniciação científica na perspectiva de “educação libertadora”<sup>19</sup>, realizou seu estágio docente obrigatório em dois assentamentos do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e hoje atua como professor e tutor do Grupo PET/Conexões de Saberes (Políticas Públicas de Juventude).

---

<sup>19</sup>Expressão utilizada por Rafael em referência a Paulo Freire.

E mesmo que Mônica, estudante da década de 1970, não tenha participado de pesquisas enquanto graduanda seguiu sua carreira docente atuando em diversas áreas da educação, tais como formação de professores, currículo e juventudes e atualmente pesquisadora do Observatório Juventudes PUCRS e do Observatório da Educação da mesma Universidade. Importa dizer que a ausência da iniciação científica não afastou Mônica da Academia, pois continuou seus estudos em nível de mestrado e doutorado, bem como os outros entrevistados.

Assim como os três entrevistados seguiram rumos diferentes durante a graduação, o Curso para cada um também teve representações distintas. Para Mônica,

[...] representou a possibilidade... é possível ser diferente, é possível fazer diferente. Educar é isso! É dar condições, é empoderar o sujeito pra ele poder alçar voo. Empoderar o sujeito é dizer: o trabalho também pode ser uma forma de prostituição, empoderar o sujeito que diz pro seu aluno: existe uma saída pra ti, empoderar o sujeito é não ficar quieto quando se diz que não devemos ter as cotas, empoderar o sujeito é dar voz ao sujeito aluno, empoderar o sujeito é entender a escola como um espaço onde as pessoas vão pra aprender aquilo que se elas lá não fossem, elas não teriam a oportunidade de aprender e isso eu aprendi na Pedagogia. Foi lá que eu aprendi... eles me empoderaram... (Mônica, março de 2016).

Mônica sentiu este empoderamento que a graduação em Pedagogia lhe proporcionou ao longo de seus anos de estudos, durante suas especializações, mestrado, doutorado e tem este mesmo sentimento ainda hoje, sentimento de fortalecimento por ter sido estudante da FAGED/UFRGS e neste Curso ter se constituído aluna, professora e educadora.

Há que se ressaltar novamente que as marcas que o Curso deixou nas vidas de cada um foram singulares, assumindo para cada um deles, algo que lhe é peculiar. Tânia, ao revisitar suas memórias de estudante, aposta em equilíbrio, não glamourizando suas lembranças, enfrentando com a “[...] coragem que os anos nos dão de apontar o dedo na ferida”. E prossegue, “[...] eu seguramente devo muito do que eu sou pessoal e profissionalmente a minha vida na Universidade [...]”, mas não deixa de destacar “que a Pedagogia foi menos que viver a UFRGS, acho que a Pedagogia foi só uma parte da minha vida na UFRGS, mas uma parte super importante, mas não seria nada se eu não tivesse esse contorno na vida na Universidade” (Tânia, março de 2016).

Essas vivências que a Universidade lhe proporcionou, muitas delas para além da sala de aula, provavelmente têm a ver com sua experiência em pesquisa, os momentos culturais e de debates políticos que foram possíveis, pois ela estava vivenciando a UFRGS como um todo.

Rafael teve algumas dificuldades em falar sobre o que o Curso de Pedagogia representou em sua vida. Por esta razão eu o ajudei um pouco, pois em sua primeira entrevista ele me confessou que a FACED “tinha um cheiro”. Ao ser indagado sobre esse “cheiro”, eis o que responde:

Ela tem realmente um cheiro... ela tem uma história, coisas impregnadas nessa parede [...] tem uma história impregnada aqui, uma história empapada. Ela tem um cheiro, claro não é um cheiro que necessariamente a gente sinta, eu até agora, eu não sinto porque eu tô aqui, mas, por exemplo, eu tive alguns afastamentos da FACED [...] então, quando eu vinha pra cá esse cheiro, essa coisa impregnada tava no ar [...] (Rafael, abril de 2016)

Talvez, assim como Mônica, ele tenha se sentido empoderado por seu Curso, pois complementa que foi na FACED que aprendeu a se “[...] posicionar, a me colocar, a constituir uma profissão, a buscar uma formação pra poder atuar como docente, como professor, pra pensar em fim na minha condição mesmo humana, de pai, de sujeito político [...]” (Rafael, abril de 2016).

Finalmente, compreendo que analisar as memórias destes sujeitos não é tarefa fácil, em suas falas existem muitas reticências que são referentes a pausas, Errante (2000) explica que são fugas verbais e pausas longas são significativas, nestes momentos em silêncio possivelmente os narradores editavam suas falas, pensavam no que poderiam falar e como falar.

É difícil refletir sobre os acontecimentos passados das vidas de três estudantes egressos deste Curso, compreendendo a fala de Mônica “Me vou para a FACED” e compreender essa escolha com suas vidas atuais, porém, sinto-me desafiada e insisto nestas vivências e recordações no próximo eixo de análise.

## **2)Ecos de outras memórias do Curso de Pedagogia: a formação e o prédio em meio aos contextos políticos**

As lembranças que foram narradas pelos entrevistados foram provocadas a partir da entrevista e com apoio dos evocadores que tínhamos em mãos. Tânia e Rafael trouxeram para a entrevista artefatos guardados, tais como os históricos da graduação, convites de formatura, carteira de estudante, o discurso original da formatura, certificados de curso, fotos de participação em eventos acadêmicos, entre outros. Importa destacar que Rafael é aquele que mais guarda essas materialidades, inclusive cartões pessoais da professora Malvina,<sup>20</sup> que foi sua orientadora na iniciação científica até o doutorado.

Mônica não guarda mais lembranças materiais dos momentos de graduação, porém, lembrou das aulas de Juan Mosquera<sup>21</sup>, ressalta que “[...] eu aprendi... a perspectiva que ele trabalhou nesse primeiro momento, foi a questão da cultura, fui estudar Margaret Mee, fui estudar Malinovski, gente que durante a minha vida eu não conhecia [...]”. Segundo ela, sentia-se desafiada pelo professor a uma busca constante, porém, disse não nutrir este mesmo sentimento em outras disciplinas e conta que “[...] meio que foi uma tristeza pra mim, que eu não via muito um desafio intelectual, como eu via, por exemplo, na disciplina do professor Juan e eu não gosto de ir numa aula que não me desafia [...]” (Mônica, março de 2016).

Durante sua primeira entrevista, Tânia observa seu histórico do Curso e revela que suas notas nem sempre foram excelentes, nem sempre tirou “A” em todas as disciplinas, “[...] lembro do trabalho da disciplina de Metodologia da Pesquisa, na qual inclusive não tive o conceito máximo, isso é interessante, não fui uma aluna brilhante [...]” (Tânia, março de 2016).

---

<sup>20</sup> Malvina do Amaral Dorneles é Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Católica de Córdoba.

<sup>21</sup> Juan Mosquera é Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atualmente leciona na PUCRS.

CUR-E		NOME		ULT. MAT.	DATA VEST	DATA	INGRESSO	MOTIVO	AFASTAMENTO DATA	MOTIVO
063-0	063-5	PEDAGOGIA	LIC PED-H MAGIST MATERIAS PEDAG II G	84/2	85/2	82/1	82/2	01-VESTIBULAR	84/2	14-AFAST ENFASE ZERO
DISCIPLINAS DO HISTORICO SEM		DISCIPLINA		CUR-E	CON	OB	CH	CR	DISCIPLINAS DO HISTORICO SEM	
82/2		BIO351-FISIOLOGIA I		063-0	A	H	05	05	84/2	EDU344-PSICOPEDAGOG TERAPEUTICA II
82/2		EDU106-INTROD A CIENCIA EDUCACAO		063-0	B	H	04	04	84/2	EDU351-ESTRUT FUNC ENS I G ORG ESC
82/2		HUM404-EST DE PROBL BRASILEIROS I		063-0	A	H	02	02	85/1	EDU119-SOCIOLOGIA DA EDUCACAO II
82/2		HUM406-INTRODUCAO A SOCIOLOGIA		063-0	A	H	04	04	85/1	EDU208-METODOL DO ENS DE I GRAU II
82/2		LET180-LINGUA PORTUGUESA		063-0	B	H	06	06	85/1	EDU255-PRAT ENS II GRAU PSIC EDUC
82/2		MAT111-INICIACAO A MATEMATICA		063-0	B	H	04	04	85/1	EDU309-MEDIDAS EDUCACIONAIS I
83/1		BIO352-FISIOLOGIA II		063-0	B	H	05	05		
83/1		EDU116-FILOSOFIA DA EDUCACAO I		063-0	B	H	04	04		DISCIPLINAS CORRENTES
83/1		EDU120-PSICOLOGIA DA EDUCACAO I		063-0	A	H	04	04		DISCIPLINA
83/1		EDU122-HISTORIA DA EDUCACAO I		063-0	C	H	04	04		EDU209-PRAT, DE ENSINO DE I GRAU
83/1		EF1001-DISP PRAT DESP TRABALHO		063-0	H		02			EDU252-METOD ENSINO I GRAU III
83/1		HUM401-EST DE PROBL BRASILEIROS II		063-0	B	H	02	02		EDU334-EST E FUNC DO ENS DE II GRAU
83/1		HUM406-SOCIOLOGIA I		063-0	A	H	04	04		EDU359-ESTRUTURA FUNC ENS III GRAU
83/2		EDU117-FILOSOFIA DA EDUCACAO II		063-0	A	H	04	04		LET404-LITERATURA INFANTIL
83/2		EDU118-SOCIOLOGIA DA EDUCACAO I		063-0	A	H	04	04		
83/2		EDU123-HISTORIA DA EDUCACAO II		063-0	A	H	04	04		
83/2		EDU141-FILOS EDUC FILOS EDUC BRASIL		063-0	E	R	04	04		DATA DA ULTIMA ATUALIZACAO - 02/08/85
83/2		EDU248-DIDATICA:TEOR ESTRAT DE ENS		063-0	A	H	04	04		
83/2		EDU301-INT AOS MET E TEC PESQ PEDAG		063-0	C	H	03	03		
84/1		DIR230-LEGISLACAO DO ENSINO I		063-0	C	H	03	03		
84/1		EDU121-PSICOLOGIA DA EDUCACAO II		063-0	A	H	04	04		
84/1		EDU131-ESTATIST APLICADA A EDUC I		063-0	A	H	04	04		
84/1		EDU249-DIDATICA PLANEJ E AVAL ENS		063-0	A	H	04	04		
84/2		EDU321-PSICOED TERAPEUTICA I		063-0	A	H	03	03		
84/2		EDU129-BIOL DA EDUC E HIS ESCOLAR I		063-0	B	H	03	03		
84/2		EDU147-HIST EDUC-ANALISE EDUC BRAS		063-0	B	H	03	03		
84/2		EDU207-METODOL DO ENS DE I GRAU I		063-0	B	H	04	04		
84/2		EDU211-CURRICULOS E PROGRAMAS I		063-0	A	H	04	04		
84/2		EDU250-DIDATICA COMPET BASICAS ENS		063-0	A	H	03	03		
84/2		EDU315-MET E TEC DE PESQ PEDAGOG I		063-0	A	H	03	03		
84/2		EDU333-EST E FUNC DO ENS DE I GRAU		063-0	B	H	04	04		

CONCEITO OBTIDO NA DISCIPLINA	OBSERVAÇÕES	AUTENTICAÇÃO
A - Excelente B - Médio Superior C - Médio D - Médio Inferior E - Insuficiente R.G.U. - Art. 178 - O aluno que houver obtido, em qualquer disciplina, no mínimo, o conceito "C (Médio)", terá jus ao número de créditos atribuídos a mesma.	F - Transfer para outra universidade G - Conceito não enviado H - Habilitado I - Dispensa sem créditos K - Conhecimento L - Dispensa M - Anulado N - Reprovado O - Mandato de Seguros T - Trancamento de Matrícula A - Afastamento	ESTE DOCUMENTO É REPRODUÇÃO DE MICROFILME DO ARQUIVO DO DECDORI-DIME E SEU VALOR FISCAL SE RECONHECIDO AUTENTICO. PORTO ALEGRE, 20 DE FEVEREIRO DE 1986 CARIMBO

Figura 5. Histórico do Curso de Tânia  
 Fonte: Acervo pessoal de Tânia

É visto na imagem que a narradora nem sempre obteve os conceitos máximos nas disciplinas cursadas e que obteve conceito insuficiente em uma delas, porém, ela explica que “[...] muitas vezes preferia sair da sala de aula e tratar de eu mesma do meu aprendizado do que ficar lá com sensação de tempo roubado” (Tânia, março de 2016). A sensação que a narradora diz ter tido enquanto aluna é uma recorrência em suas falas, pois em diversos momentos ela relata tal sentimento.

O histórico do Curso de Pedagogia de Tânia me causou estranhamento. Quando olhei o documento com atenção, cheguei a anotar os nomes das disciplinas em que ela não obteve o conceito “A<sup>22</sup>” e fiquei impressionada que em uma das disciplinas cursadas ela obteve conceito insuficiente. Isso, de certa maneira, me instigou a refletir acerca da imagem que construí de meus professores, todos muito

<sup>22</sup> Legenda de conceitos: A- Excelente B- Médio Superior C- Médio D- Médio Inferior F- Insuficiente

dedicados ao estudo, exemplos para mim. Como poderiam não ter a nota máxima em todas as disciplinas curriculares?

Penso que até os dias de hoje professoras e professores são vistos como seres dotados de uma espécie de sacralização, e o exemplo disso, é meu próprio estranhamento ao ver que Tânia nem sempre foi o que se costuma considerar uma *boa aluna*, nem sempre esmerou-se o suficiente para ter as melhores notas, porém, isto não a impediu de continuar estudando após a graduação e de constituir-se professora do Curso em que foi aluna.

Diferente de Tânia, Rafael não me pareceu ter essa sensação de “tempo roubado”, enquanto graduando, por isso, assim que tive em mãos seu histórico, não pude deixar de comparar os dois históricos. Rafael não obteve os conceitos máximos em todas as disciplinas, entretanto acredita que todas elas foram válidas para o seu aprendizado. Diferente de Tânia, ele não cursou o Magistério, talvez por este motivo todas as disciplinas fossem atrativas para ele, pois Tânia já tinha certa experiência em educação.

Enquanto ele olhava seu Histórico do Curso, destacou alguns professores que foram importantes para ele ao longo da graduação, como Luis Armando Gandin<sup>23</sup> e Malvina Dornelles, dos quais foi bolsista. Merion Bordas também foi citada, uma figura importante dentro da FACED, dentre outros.

Essa dissonância entre a fala destes dois entrevistados reflete em seus históricos do curso:

---

<sup>23</sup>Doutor em Curriculum and Instruction pela University of Wisconsin – Madison. É Professor Associado da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL		DEPARTAMENTO DE CONTROLE E REGISTRO DISCENTE		DATA: 30/03/99	PAG.: 000002
NOME: RAFAEL ARENHALDT	MATRICULA: 2442/95-8	IDENTIDADE: 1055224925	SEXO: MASCULINO		
FILIAÇÃO: PAULO SERGIO ARENHALDT	CPF: 68647735072	ORGÃO EXPEDIDOR: SSP UF: RS	EST. CIVIL: SOLTEIRO		
E EULESIA ARENHALDT	CURSO SECUND: SEGUNDO GRAU	DATA EXPEDICAO: 16/10/90	NASCIMENTO: 28/10/74		
ENDERECO: RAMIRO BARCELOS 1735/103	CIDADE: PORTO ALEGRE	BAIRRO: BOM FIM	CEP: 90035006		
NACIONALIDADE: BRASILEIRA	NATURAL: LAJEADO RS	TELEFONE: 0003325054	ESTADO: RS		

I N G R E S S O		ULTIMA MATRICULA		VESTIBULAR		A F A S T A M E N T O	
CURSO	DATA	MOTIVO				DATA	MOTIVO
263.00	1995/1	01-VESTIBULAR		1997/2		1997/2	14-AFAST ENFASE ZERO
263.01	1999/1	08-PERMANENCIA		1999/1			
263.02	1998/1	12-INGRESSO ENFASE		1998/2			
						1998/2	01-CONCLUSAO CURSO

DISCIPLINAS ANTIGAS:																			
CODIGO	TU	NOME	SEM	CURSO	CN	OB	CH	CR	CA	CODIGO	TU	NOME	SEM	CURSO	CN	OB	CH	CR	CA
EDU01127	U	FILIOS EDUC II PROBL FILOSOF	972	26300	A	H	03	03	OB	EDU01128	U	SOCIOLOGIA EDUCACAO II	972	26300	A	H	04	04	OB
EDU01152	A	SOCIOLOGIA DA EDUCACAO I	952	26300	B	H	04	04	OB	EDU01154	A	PSI EDUC A CRIAN PRE-ESCOLAR	952	26300	A	H	04	04	OB
EDU01155	B	PSI EDU CRIANCAS S INICIAIS	961	26300	B	H	04	04	OB	EDU01156	B	PSI EDUCACAO TEOR APREND VAR	961	26300	B	H	03	03	OB
EDU01158	A	HIST DA EDUC E DA PEDAGOGIA	951	26300	B	H	04	04	OB	EDU01159	B	HIST DA EDUCACAO NO BRASIL	952	26300	B	H	04	04	OB
EDU01160	A	FILIOS EDUC:FUND EXPR PEDAG	952	26300	A	H	03	03	OB	EDU01163	U	FILIOS EDUC:ANTROPOL PEDAG	972	26300	B	H	03	03	EL
EDU01164	U	PSICOPEDAGOGIA DA SENSIBIL	961	26300	A	H	02	02	EL	EDU01166	U	SOC EDUC:EDUCACAO E DESENV	971	26300	A	H	03	03	EL
EDU01169	U	PSICOL DA EDUC:VIDA ADULTA	972	26300	B	H	02	02	EL	EDU01174	U	SOCIOL EDUC:SEM EST APROFUND	962	26300	A	H	02	02	EL
EDU01180	U	INTROD PSICOLOGIA DA EDUCAC	951	26300	A	H	02	02	OB	EDU01181	U	INTROD A FILOSOFIA DA EDUCAC	951	26300	B	H	02	02	OB
EDU02002	B	PRAT ENS SER INIC I GRAU I	981	26302	A	H	24	24	AD	EDU02003	U	PRAT ENS SER INIC I GRAU II	982	26302	A	H	24	24	AD
EDU02270	U	PSICOGENESE LEITURA ESCRITA	961	26300	B	H	04	04	OB	EDU02277	U	ENS EST SOCIAIS CONT E DIDAT	971	26300	A	H	04	04	OB
EDU02281	U	INIC A ESCRITA E LEITURA I	962	26300	A	H	03	03	OB	EDU02408	U	EDUCACAO E SAUDE - VAR	962	26300	A	H	02	02	OB
EDU02409	B	EDU ART DRAM PLAST MUS VAR	961	26300	A	H	06	06	AD	EDU02410	U	TEORIA DE CURRICULO I	962	26300	A	H	03	03	OB
EDU02411	U	ENS CIENC FIS BIO CONT DIDAT	971	26300	A	H	02	02	OB	EDU02412	A	EDUC EVOL LING CRIANCA VAR P	952	26300	A	H	03	03	OB
EDU02413	U	ENS. LIN. MATERNA CONT. DID.	971	26300	A	H	03	03	AD	EDU02414	U	ENS MATEM CONT DIDATICA S	971	26300	A	H	03	03	AD
EDU02416	U	ENS LING MATERNA CON METOD S	972	26300	A	H	03	03	AD	EDU02417	U	ENS MAT CONTEUDO METODOLOG S	972	26300	A	H	03	03	AD
EDU02418	U	ENS EST SOC CONT METODOLOG S	972	26300	A	H	03	03	AD	EDU02419	U	ENS CIENC FIS BIO CONT MET S	972	26300	B	H	03	03	AD
EDU02420	U	DID ORGAN CURR SER INICIAIS	972	26300	A	H	04	04	AD	EDU02423	U	EDUCACAO E LITERAT INFANTIL	961	26300	A	H	03	03	OB
EDU02424	U	EDUC MATEM CONST NUM CRIANCA	962	26300	B	H	04	04	OB	EDU03007	U	ALFABET DE JOVENS E ADULTOS	971	26300	A	H	03	03	AD
EDU03321	A	PSICOPED TERAPEUTICA I	962	26300	A	H	04	04	OB	EDU03344	A	PSICOPEDAGOG TERAPEUTICA II	981	26302	B	H	04	04	OB
EDU03344	A	PSICOPEDAGOG TERAPEUTICA II	971	26300	K					EDU03362	U	CAMPO PROFISSIONAL	962	26300	A	H	03	03	AD
EDU03371	U	ENS I GRAU EST FUNC VAR	971	26300	A	H	03	03	AD	EDU03374	B	EDUCACAO ADULTOS NO BRASIL	972	26300	A	H	03	03	EL
EDU03386	B	INIC AS PRATICAS PEDAGOGICAS	951	26300	B	H	03	03	OB	EDU03377	B	PESQUISA EM EDUCACAO - VAR	951	26300	A	H	03	03	OB
EDU03388	U	TECNOL EDUC CIENC TECN VAR	962	26300	A	H	03	03	OB	EDU03399	A	ORGANIZACAO DA ESCOLA - VAR	952	26300	A	H	03	03	OB
EDU99507	U	SEM DE ESTUDOS EM EDU I II	961	26300	A	H	03	03	EL	EF100001		DISP PRAT DESEF TRABALHO	972	26300					AD
EFI02287	A	EDUC FIS RE PAR CRIANCAS VAR	952	26300	B	H	03	03	OB	HUM04466	A	SOCIOLOGIA	951	26300	A	H	04	04	OB
LET01402	B	LINGUA PORTUGUESA - P - VAR	961	26300	B	H	03	03	OB										00

DISCIPLINAS CORRENTES:													
DISCIPLINA	TU	CURSO	CH	CR	AUTOR	MATRI	DISCIPLINA	TU	CURSO	CH	CR	AUTOR	MATRI
EDU01177-EDUCACAO E CLASSES POPULARES	U	26301	02	02		1							

DATA DA ULTIMA ATUALIZACAO - 16/03/99.

OBS: ESTE DOCUMENTO E UM EXTRATO EMITIDO PARA SIMPLES CONFERENCIA DE REGISTROS E INFORMACOES. VALIDO EXCLUSIVAMENTE PARA USO INTERNO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL.

CICERO ANUNES PACHECO FERREIRO FILHO  
Diretor da Divisão de Ingresso e Matrícula  
REGISTRO-PROFESSOR




Figura 6. Histórico do Curso de Rafael

Fonte: Acervo pessoal de Rafael

A imagem nos mostra que Rafael foi um aluno empenhado em seus estudos, porém, assim como Tânia, necessitava trabalhar para se manter e, possivelmente, por vezes não tenha conseguido se dedicar aos estudos como gostaria.

Em contrapartida às estudantes de 1970 e 1980, que, por vezes, não se sentiam desafiadas ou tinham a sensação de que seu tempo não estava sendo bem aproveitado, Rafael parece que valorizava todas as oportunidades de formação oferecidas pela Faculdade. Quando perguntei se houve alguma disciplina que ele não gostou, responde com outra pergunta: “alguma que eu não tenha gostado? Não! (pausa longa) Não tem nenhuma que eu não tenha (pausa longa) todas, de certa maneira, foram importantes... algumas mais sobressaíram, obviamente” (Rafael, abril de 2016).

O entrevistado fez duas pausas longas enquanto respondia meu questionamento, provavelmente buscando em suas memórias seus sentimentos em relação às disciplinas cursadas ou, ainda, poderia estar pensando em como responder a tal questionamento.

No período em que os três narradores estudaram na FACED o prédio era dividido entre o Curso de Pedagogia, o Colégio de Aplicação da UFRGS e o Programa de Pós-graduação em Educação, eram “duas instituições de ensino imbricadas, ocupando o mesmo prédio por muitos anos, uma formando crianças e adolescentes, a outra formando professores” (ALMEIDA; LIMA. 2015, p.141)

As duas instituições que ocupavam o mesmo prédio tinham objetivos semelhantes: a educação. Porém, uma atendia crianças e adolescentes e outra tinha como público, jovens e adultos. As relações entre todos os sujeitos envolvidos na Faculdade e no Colégio por vezes eram conturbadas como descreve Mônica, “era muito maluco, o Colégio de Aplicação era... tinha umas regras, até o sexto andar eram eles, a partir do sexto andar éramos nós, eles não podiam andar de elevador, nós podíamos andar de elevador [...]”.

Os conflitos sobre o uso dos elevadores também foi lembrado por Tânia e Rafael,

[...] brigas e confusões por causa dos elevadores, porque as crianças tinham seu modo muito próprio de usar o elevador, claro fazendo bagunça, enchendo o elevador e a gente ficando esperando, ai enchiam o elevador, subiam até determinado andar, desciam as escadas correndo e queriam entrar de novo e a gente se enfurecia, eles brincavam um pouco com isso e isso dava muito conflito. (Tânia, março de 2016)

É possível inferir que realmente havia disputas sobre os elevadores, que provavelmente eram advindas da forma de ocupação do prédio, já que do primeiro ao quinto andar, era ocupado por crianças e adolescentes e, do sexto ao nono andar, era tomado por estudantes de Pedagogia, outras licenciaturas e Pós-graduação.

Mônica ainda relembra uma história engraçada sobre os alunos do CAp,

[...] eles eram medonhos, eles faziam horrores, eles eram extremamente inteligentes, eles eram intelectualmente muito bem dotados, por isso eles estavam no Colégio de Aplicação (seleção, inclusive um teste de aptidão intelectual), mas eles eram medonhos, eu me lembro de um dia que eles foram lá pra cima e atiraram um saco de lixo com água, fui um fuzuê... imagina se caísse em cima de um carro [...](Mônica, março de 2016).

Mônica chama as crianças do Colégio de “medonhas”. Estranha-se o uso dessa expressão, considerando que as duas instituições ocupavam o mesmo prédio e seu objetivo era o mesmo: a educação. Entretanto, uma propunha-se à formação

de educadores e outra ao ensino básico de crianças e adolescentes. A garotada ocupava um espaço que era tido como um local de estudos para adultos, mesmo que se estivesse formando professoras para atuar em escolas. Vê-se que crianças tinham um lugar restrito dentro do campus central da UFRGS.

Sobre a saída do Colégio de Aplicação do Campus Central da UFRGS, Mônica relata que o convívio com adultos e jovens estudantes não estava sendo benéfico às crianças, “[...] o Bar do Antônio vendia tudo, inclusive cerveja, isso foi uma razão das quais o Aplicação teve que sair dali, o convívio com as Universidades com os adultos da Universidade não era legal para eles, ali tinha de tudo [...]” (Mônica, março de 2016).

Mônica parecia ter tido maior visão da presença do Colégio de Aplicação no prédio da FACED do que Rafael,

É tu sabe que aluno não tem uma percepção muito parcial, primeiro que tu não tinha uma relação com o colégio de aplicação, a relação era vir pra aula, o que tu tinha? Tu tinha a convivência nos elevadores.

[...]

Não nem prestava. Nem sabia que tinha direito, fiquei sabendo que tinha o Colégio de Aplicação quando eu fui fazer essa observação, que alguém disse, tem um colégio aqui.

[...]

[...] tem coisa que tu naturaliza é tu que é o estranho desse lugar. Quando o Colégio de Aplicação foi embora que as pessoas falaram “ó o Colégio de Aplicação não tá mais” ai tu começa a perceber que não tem mais criança. (Rafael, abril de 2016)

Pela fala do estudante egresso da década de 1990, existem duas questões a serem pensadas: Rafael conviveu pouco com o CAp, por isso não têm muitas recordações sobre a divisão de espaço e a pouca interação entre os estudantes do Curso de Pedagogia e os alunos do Colégio de Aplicação, quem sabe isso se deva aos vários conflitos que aconteceram durante os anos de convivência, ou ainda talvez como explicam Andreola e Bordas,

A FACED e o Colégio estiveram juntos, no mesmo prédio, durante muitos anos. O Colégio era, legalmente, “órgão auxiliar” da Faculdade. Mas foi construindo, progressivamente, uma autonomia de fato, pedagógica, administrativa e política. Por outro lado, não tinha mais cabimento que um colégio-modelo fosse o local dos estágios para alunas e alunos da Pedagogia e das licenciaturas. (ANDREOLA; BORDAS. 2010, p. 303)

Essa falta de percepção de Rafael sobre o Colégio de Aplicação pode ser explicada com a autonomia que o Colégio foi conquistando com o passar dos anos e também porque os estudantes de Pedagogia eram incentivados a procurar escolas públicas para suas observações e práticas, além de claro, a própria naturalização que o entrevistado cita, sempre teve crianças naquele espaço, o intruso era ele.

Vários fatos vividos por Mônica, Tânia e Rafael enquanto estudantes deste Curso têm me chamado atenção, pois é impossível que eu não faça comparações com os tempos atuais, uma vez que sou aluna deste mesmo Curso. Neste sentido, questionei os três sobre suas turmas, se eram numerosas e eis uma das respostas para mim foi surpreendente,

[...] uma coisa que eu não tive foi turma, nós tínhamos uma mistura muito grande de alunos, porque nós fazíamos uma matrícula por disciplina e horários alternativos vários, eu me lembro quando eu passei a me reunir com os colegas para deliberar questões ligadas a formatura, boa parte daquelas pessoas eu não conhecia e elas também não me conheciam. (Tânia, março de 2016)

Tânia observa que possivelmente essa ausência de formação de turma tenha se dado por uma reforma curricular que aconteceu durante sua graduação e ela complementa dizendo que essa reforma “tinha pulverizado completamente as relações” (Tânia, março de 2016).

Ainda sobre as turmas, não deixo de comparar com os dias atuais, refletindo sobre a presença masculina no Curso de Pedagogia. Entre meu grupo de formandos, há tão somente dois rapazes, em meio a mais de trinta mulheres. Vejo que esta é uma realidade que vem se mantendo ao longo das décadas, pois foi evocada por Mônica, Tânia e Rafael. Mônica conta que na década de 1970 havia apenas dois colegas homens na Faculdade.

FORMANDOS		
MAGISTÉRIO	ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR	SUPERVISÃO ESCOLAR
Alba Regina Dreyer Ortmann Elisabeth Farias Vinadé Liliana Zart Jacques Marisa Haas Marlova da Rosa Machado Moreira Nara Latorre Lorbitski <u>Tânia Ramos Fortuna</u>	Cláudia Carvalho Rodrigues Heitor Tomé da Rosa Joane Arlete Marques Cazalato	Dinorá Glória Simoneto Marcia Gonçalves Maria Conceição V. de F. Lima Maria Luiza Mallmann Marilena Glória Coelho Ramos Neusa Maria Silveira Lehugeur Raquel Usevicius Sahra Susana Schroeder Vera Lúcia Donat Medeiros
ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL		
Ana Lúcia Bergallo Vieira Ana Maria Hercz Angela Maria Fernandes Raupp Berenice Rocha Peixoto Carmela Grasso Kauppinen Cícero Marcos Teixeira Júnior Clarisse de Almeida Alabarce Edilene Aparecida Nery Eleonor Garlet Milani Eleonora Fernandes Peres Elizabeth Cantelli Pinto Ernânia Permiana da Rocha Mayer	Jane de Mello Manssur Judite Guerra Kátia Maria Nunes Martins Leila Jungthon Luiz Adalberto Teixeira Madalena Michelotto da Silva Mara Verri Gehres Marcia da Silva Zocolatto Márcia Maria Heinen Márcia de Siqueira Erob Margarete Fialho Maria Amélia Bretanha Jacques Maria Clara Bertmann Filippin	Maria Cristina Petry Maria de Lourdes Machado Fanatieri Maria de Lourdes Souza Pocchi Maria Inês Marzano de Oliveira Mariana Villani Marilene Barth Segala Mariza Helena Beguet Piccoli Rosana Maria de Cruz Braz Rosane Inês Piccinini Rosane Maria Antunes Loureiro Ruth Maria de J. Amaral d'Amorim Sandra Rodrigues Mascarello Selsi Maria Hochscheidt

Figura 7. Lista de formandos do convite de formatura de Tânia  
Fonte: Acervo pessoal de Tânia

A formatura de Tânia foi em conjunto com todas as habilitações<sup>24</sup> existentes na época. A entrevistada fez o Curso com ênfase em Magistério e, como visto na imagem, nenhum rapaz se formou nesta habilitação, porém, nas demais capacitações, foram ao todo três rapazes formados. Essa habilitação do Curso possibilitava que as alunas depois de formadas, dessem aulas no Curso Magistério, formando professoras para educação infantil e anos iniciais. Possivelmente, como este também era um curso majoritariamente feminino, os alunos da FACED preferissem seguir uma das outras habilitações, como Administração Escolar, Inspeção Escolar, Supervisão Escolar e Orientação Educacional.

<sup>24</sup>A explicação das habilitações do Curso de Pedagogia consta na página 23.





Figura 8. Lista de formandos do convite de formatura de Rafael  
Fonte: Acervo pessoal de Rafael

Ao observarmos a lista de formandos do convite de Rafael, podemos ver que ele foi o único rapaz que se formou entre vinte e seis mulheres, neste sentido, podemos perceber que a presença masculina dentro do Curso de Pedagogia não vem se alterando em relação às décadas passadas.

Este fato pode estar ligado ainda com as constatações feitas em 1874 por um diretor de uma Escola Normal, em um documento em que ele anuncia que o número de mulheres é crescente no curso, enquanto a de homens estava diminuindo (2000). Conforme Louro,

[...] os homens estavam abandonando as salas de aula. Esse movimento daria uma “feminização do magistério”- também observado em outros países -, fato provavelmente vinculado ao processo de urbanização e industrialização que ampliava as oportunidades de trabalho para os homens. (LOURO, 2000, p. 449)

À medida que o século XX avançou, trazendo a industrialização e urbanização do país, os homens se retiraram cada vez mais da profissão de professor e as mulheres, especialmente aquelas filhas da classe média, ingressaram na Escola Normal e tornaram-se professoras<sup>25</sup>. Possivelmente, desde os primeiros anos do Curso de Pedagogia da UFRGS, a partir de 1942, o grupo de estudantes era majoritariamente feminino.

<sup>25</sup> É preciso dizer que a ideologia Positivista, especialmente no Rio Grande do Sul, promoveu uma compreensão diferenciada para a formação escolar das mulheres que passaram a ser vistas como “educadoras naturais das crianças” pela aproximação com a maternidade. Esse discurso foi apropriado pela sociedade e, cada vez mais, as moças tinham na docência para crianças uma profissão legitimada socialmente (LOURO, 2000).

Outros aspectos importantes a considerar que foram tematizados nas entrevistas são as transformações vividas pela Faculdade de Educação, acompanhando as variações políticas do Brasil.

As mudanças que aconteceram no país foram as mais variadas, houve o tempo da ditadura civil militar, as lutas pela retomada da democracia, a elaboração da Constituição Federal de 1988, o impedimento do Presidente Collor de Mello, o Plano Real, muitas greves de trabalhadores, as privatizações.

Todas essas alterações foram sentidas de muitas formas na FACED. Assim, como era interesse entender esses ecos do contexto de cada época nas memórias dos sujeitos entrevistados, perguntei a Mônica o que ela recordava acerca dos anos da ditadura na Faculdade. Eis o que diz sobre um momento que lhe impactou:

[...] foi o dia em que a gente saía e não tinha aquela cerca e a polícia de choque com os cavalos e aquela não é uma boa lembrança, naquele momento tu era muito vulnerável, muito vulnerável, não interessava quem tu eras, o que tu estavas fazendo ali, quem estava envolvida e não estava envolvida, tu estavas ali. Foi meu primeiro contato com a polícia de choque, depois eu tive outros, mas aquele foi o pior. (Mônica, março de 2016)

Quando se referiu a esta época, baixou seu tom de voz, em seu semblante era nítido que não estava confortável ao relembrar, pois possivelmente nunca tenha conseguido superar seu primeiro encontro com a polícia de choque. Sobre a ditadura civil militar, ela complementa dizendo que, “na Faculdade de Educação, digamos assim, não foi tão forte, mas tava ali na nossa constituição [...]”, pois relembra que no prédio do Curso de Arquitetura via maior movimentação,

[...] que era um horror, eles colocavam os colchões do lado de fora e dormiam lá. Diziam que iam deitar ali. E faziam manifestação, tinha Medicina concentrada, tinha Engenharia, tinha Filosofia e essa gente toda enlouquecida, porque era ali que tava havendo maior sansão era dali que estavam sendo retirados os professores, eram dali que os acadêmicos estavam sendo controlados [...] (Mônica, março de 2016)

Mônica compreende que a ditadura civil militar estava presente por todo o Campus, porém, explica, “[...] eu acredito que no nosso Curso também se controlava, de vez em quando apareciam umas figuras que não tinha nada a ver, porque a gente era colega e a gente sabia quem eram e ia fazer uma disciplina, depois desaparecia [...]” (Mônica, março de 2016). Reforça que seus professores

eram mais cuidadosos com o que diziam em suas aulas. Narrou uma história com lágrimas em seus olhos e eu não pude deixar de me emocionar

(Pausa longa) [...] quando eu tava na faculdade uma amiga da minha irmã, que fazia arquitetura, um pouquinho antes de eu entrar... e ela foi presa... eu tive o prazer de encontra-la aqui, é minha colega (não é do curso de Pedagogia) e foi das coisas, bom quando eu reconheci que era ela, a reunião que eu tava, eu não prestei mais atenção, eu não entendi mais nada, não prestei mais atenção, que vê-la na Universidade significava que ela pode terminar o curso, que ela pode tocar a vida dela pra frente, pra mim foi emocionante, a minha irmã nunca mais viu ela, não sabe dela, eu é que fiquei sabendo e eu é que disse. (Tânia, março de 2016)

Penso que essa seja uma história emocionante e que deva ser compartilhada com o leitor. Assim como Mônica, mesmo sem conhecer essa pessoa, fico feliz, pois depois de ter sido presa, conseguiu seguir sua vida adiante e hoje é professora universitária.

Tânia estudou na FAGED no período de 1982 a 1985, quando a abertura política já estava em processo. Portanto, não conheceu os dias de repressão, porém, fala sobre aquele tempo de uma forma mais mística,

[...] eu lembro que quando eu vim fazer minha matrícula, perdida tentando achar a UFRGS, a FAGED o grande prédio<sup>26</sup>, eu me lembro e até hoje eu sinto essa emoção de andar aqui nesse quarteirão, aqui do nosso prédio e saber dos expurgos do período da ditadura e das pessoas que foram ameaçadas e impedidas de dar aula, de toda a perseguição política, de todo o clima de proibição [...] só que isso podia amedrontar, mas também de investir pela importância de uma causa maior, puxa se as pessoas são capazes de matar e morrer por uma causa, essa causa realmente deve ser digna, deve ser porque esse lugar, a Universidade pública, deve ser realmente um lugar muito propício a transformação a práticas revolucionárias e isso só aumentava a admiração pela Universidade. (Tânia, março de 2016)

Essa prática revolucionária que a entrevistada traz, realmente passou a acontecer com frequência na Universidade, pois nos primeiros quatro anos da década de 1980, as greves na Universidade aconteceram anualmente e como forma de pressionar a Reitoria os docentes não entregavam os conceitos dos discentes.

As greves foram se agravando ainda mais na década de 1990, diante do processo de desestruturação das universidades públicas. Neste sentido, indaguei os entrevistados sobre o que lembravam daquele período, mesmo que apenas Rafael a

---

<sup>26</sup> Fazendo referência ao excerto da entrevista que levei para ela como evocador de memória.



fosse aluno da graduação. Tânia naquele período era professora substituta e Mônica era aluna do pós- graduação.

Mônica considera que as greves realizadas foram importantes para as conquistas atuais, porém, não pude deixar de questioná-la sobre o sucateamento da Universidade e sobre privatização, confessa que sim era rumo à privatização e explica,

A coisa pública parece que é muito desvalorizada e acho lamentável, acho que se a instituição pública, quero dizer com isso, sou favorável às cotas [...] a universidade pública sempre foi um reduto dos privilegiados do ponto de vista econômico, sempre foi, é muito mais fácil dar aula pra quem aprende apesar dos seus professores [...] Nós precisamos não só garantir o acesso, mas devemos garantir a permanência e é pela via de políticas de permanência que nós vamos garantir isso. [...] Nós não podemos deixar que os cotistas... seja pela ausência de recursos ou que outra natureza for, responsabilizados pelo seu insucesso, isso vai corroborar o discurso que diz que: tá vendo eles não podiam estar aqui... então, eu vejo, lamentavelmente houve o sucateamento, eu quando era aluna da UFRGS não tinha aquela sujeira, não tinha aquelas classes tudo quebrada [...] eu não acho isso correto, mas eu também acho que aquele movimento que aconteceu em 90 se fez necessário, não em termos de sucateamento, mas em movimento de reivindicação de direitos. (Mônica, março de 2016)

Deste modo compreendo que Mônica não coloca em pauta o ponto econômico e desvalorização da universidade pública, mas sim os movimentos em favor da instituição, contra uma possível privatização. Tânia que neste período já era professora na FACED relembra que os cortes públicos atingiam diretamente a UFRGS e que eles eram visíveis até mesmo nas questões de estrutura física dos prédios,

Com relação à questão física do prédio [...] se a gente acha ele deplorável, imagina bem pior, muito pior. Acentos no vaso sanitário não existia, papel higiênico, nunca, água, esse mesmo problema que a gente vive hoje a trinta anos já acontecia de não ter água no prédio e assim como aqui, em todos os outros prédios na vizinhança, às vezes em condições ainda mais precária, portas quebradas ou ausência de portas, era muito, muito ruim, fisicamente ruim. (Tânia, março de 2016)

Tânia ressalta que se na FACED era ruim, nos outros prédios era muito pior e tristemente rememora “[...] eu tenho lembrança de uma universidade muito precária, muito empobrecida na minha época, muito descuidada e muito empobrecida”, mas é interessante que a narradora somente se dá conta do que estava falando neste

momento, “porque eu fico achando que um dia ele não foi assim, mas não no meu tempo, eu já entrei com ela pobre” (Tânia, março de 2016).

Relembra o dilema das greves quando professora substituta,

[...] nós vivemos o dilema do professor substituto poder fazer greve ou não e de uma pressão, uma ameaça constante sobre a mente dos substitutos de perderem contrato e eu me lembro de participar de uma reunião, com um pessoal que ainda está no movimento docente e que procuramos esclarecer, nos informar a respeito e claro nos capturar pra causa dos grevistas, porque a nossa atuação enfraqueceria o movimento e eu nunca hesitei em me solidarizar com a causa dos grevistas [...] (Tânia, março de 2016)

Para a entrevistada, os momentos de greves foram importantes não somente pelas conquistas obtidas durante as manifestações, mas também pela oportunidade de convivência com professores que ela estimava muito.

Rafael lembra que no período que foi aluno do Curso de Pedagogia foram deliberadas greves, porém não recorda quantas, sendo que uma delas atrasou sua formatura, mas é importante o que ele pensa em relação a este movimento,

[...] eu aprendi a vida política a partir desses movimentos e problematizar sobre essa frase e ela vinha muito assim, por exemplo, da Merion, ela vinha muito de alguns professores dizendo: “olha nós temos que brigar se não, o pouco que nos temos ainda vamos perder o que nós temos”, existia um processo de privatização do ensino superior. (Rafael, abril de 2016)

A sensação de desordem do ensino superior público era evidente, segundo as narrativas dos entrevistados, e se mostrava em detalhes como a falta de papel higiênico nos banheiros, portas estragadas que não eram consertadas, e assim como Tânia chegara a falar em sua entrevista fazendo menção aos dias de hoje, “já foi muito pior!” Rafael complementa dizendo que,

O projeto era claro de privatização. O projeto privatista do Governo Federal Fernando Henrique era claro, na educação sobre tudo, então, isso se expressava na ponta do materiais, da manutenção, na falta de contratação de professores, de concursos para professores, isso era muito claro, se eu pegar os dados de concurso que teve na época e a quantidade de concursos que a gente teve agora. (Rafael, abril de 2016)

Cabe um importante destaque sobre os concursos para professores da Universidade da década, pois eles não aconteciam, houve um concurso no ano de

1994 que foi adiado por um ano até os professores poderem assumir efetivamente seus cargos.

Ao que pude sentir durante as entrevistas, os ecos das memórias ultrapassam o “ser aluno do Curso de Pedagogia da UFRGS”, pois naquele lugar aprenderam a desenvolver um olhar crítico sobre o que os cerca e, assim, muitos conseguiram lutar por uma educação pública e de qualidade, independentemente do nível de ensino.

#### 4. AMARRANDO OS FIOS DESSAS MEMÓRIAS DA FACED

Esta pesquisa teve por objetivo compreender o cotidiano vivido no Curso de Pedagogia, considerando suas relações com a FACED/UFRGS nas décadas de 1970, 1980 e 1990. A *viagem* feita para atingir a meta foi longa, foram vários erros e acertos, inúmeras descobertas acerca do que são memórias e muito aprendizado em relação à história da FACED. Neste sentido, as narrativas dos estudantes egressos se constituíram em um meio de conhecer fragmentos do passado do Curso ao qual estou me formando.

Nesta busca por respostas, minha curiosidade ingênua foi se transformando em curiosidade acadêmica. Busco amparo nas palavras de Errante ao valorizar a juventude de quem pesquisa:

[...] Você perguntará o tipo de questões óbvias que você não será capaz de conjecturar quando você se familiarizar com o terreno; os narradores não irão hesitar em esclarecer a sua estupidez e também, neste processo, vão revelar a sua compreensão de eventos e experiências importantes sobre os quais você não teria pensado em perguntar. (ERRANTE apud ISAACMAN; WHITE, 2000, p.150)

Sendo eu uma jovem e inexperiente pesquisadora, durante a transcrição das entrevistas, percebi o quando isso me ajudava ao fazer questionamentos que às vezes pareceriam evidentes para qualquer um, mas que para mim eram fundamentais para compreender as vivências de cada estudante egresso.

Há que se destacar que este estudo não teve como finalidade tomar as narrativas orais dos três estudantes egressos do Curso de Pedagogia como verdades únicas, mas como a verdade que cada um produziu, no momento da entrevista, em que atribuíram sentidos diversos ao olharem para o passado vivido na Faculdade de Educação. Portanto, compreendendo que os depoimentos carregam em si um efeito de verdade singularizado, busquei problematizar as narrativas orais dos estudantes egressos altamente implicados neste lugar: a FACED.

Em alguns momentos, percebi que as memórias narradas por Mônica, Tânia e Rafael estavam intrinsicamente entrelaçadas às minhas e em outros me pareceram distantes. Estão entrelaçadas quando vejo que a presença masculina no Curso de Pedagogia ainda é pouca ou quando Tânia fala que a FACED é como uma "bússola" para ela, pois ao viajar, não procura sua casa, mas sim a Faculdade. Mas também

difere quando os três afirmam que mais que alunos da FACED, eram alunos da UFRGS, pois tinham aulas em diversos campi, diferente de mim, que somente tive aulas na FACED.

Claramente vejo que a FACED e o Curso mudaram muito com o passar dos anos e não foram somente os alunos, professores e saberes trabalhados, é nítido que são outras vivências, outros narradores, outros modos de contar, são outras memórias.

Para que eu pudesse *capturar* as memórias de Mônica, Tânia e Rafael, trilhei alguns caminhos, começando pelas leituras sobre História Oral e Memória, também foi necessário que eu me debruçasse sobre os estudos já realizados sobre a FACED, me apropriando, assim, daquilo que já foi produzido sobre sua história, para então começar a feitura do roteiro das entrevistas. Pensar nos questionamentos que seriam feitos aos sujeitos da pesquisa não foi uma tarefa fácil, exigiu uma maturidade sobre o assunto que talvez eu ainda não tivesse, por este motivo foram feitos vários ensaios para chegar à última versão.

Com o roteiro estabelecido, os primeiros contatos foram feitos e, naquele momento, descobri que uma pesquisa não é linear, nem sempre os depoentes estão dispostos a narrar suas experiências, pois rememorar nem sempre é fácil, mas, ao final, encontrei três pessoas com vontade de contar suas vivências enquanto graduandos do Curso de Pedagogia da UFRGS: Mônica, Tânia e Rafael.

Vale lembrar que os três narradores, mesmo após o término da graduação, mantiveram-se ligados à FACED, continuando seus estudos em nível de pós-graduação, e dois deles atuam na instituição como professores. Deste modo, muito provavelmente, seus modos de lembrar dos acontecimentos são afetados por suas trajetórias. Se os entrevistados fossem outras pessoas que hoje ocupassem outros lugares de sujeito, não seguindo a docência ou até mesmo a carreira acadêmica, é bem possível que as lembranças fossem outras. Isso não tira o fôlego da pesquisa, mas indica a importância do trabalho com as memórias, considerando quem narra, quando narra, por que narra e para quem narra.

E foi assim que os três estudantes egressos falaram de suas experiências passadas no momento presente em que vivem, os três são professores universitários que trabalham com formação docente, isso influenciou muito naquilo que escolheram contar, conforme explica Almeida, “[...] é o presente que faz o chamamento à memória, é o entrevistado que escolhe, consciente ou

inconscientemente a história que quer contar, o que pode contar, ou ainda, que se sente autorizado a narrar” (2009, p. 217).

Ou seja, mesmo que eu tenha levado um roteiro para conduzir nossas conversas, foram os entrevistados que escolheram o que me contariam, mesmo respondendo a todas as perguntas, eles elegeram umas palavras e não outras e estas opções são vistas nas reticências e pausas longas feitas durante as entrevistas.

Para as análises, procurei me afastar de um olhar aligeirado de suas falas, já que estas não são verdades únicas, examinei-as em dois eixos, sendo o primeiro “Escolha pela Pedagogia: Vou para a FAGED”, procurei investigar suas trajetórias de escolarização, possíveis influências das famílias na escolha pelo Curso de Pedagogia na UFRGS. Procurei fomentar a discussão sobre o Curso de Pedagogia como um lugar de mulheres, pedi que falassem acerca das atividades desenvolvidas na FAGED e o que o Curso representa em suas vidas.

As memórias dos três egressos, ao mesmo tempo em que se aproximam também se distanciam. Percebo que foram empoderados pelos anos de estudos na Faculdade de Educação, seja pelo desenvolvimento de posições políticas, seja por poder ser e fazer diferente. Rafael lembra do “cheiro” que sentia na Faculdade, “cheiro de conhecimento”, evidenciando o quanto nossas memórias também são sensoriais. Os narradores diferiram em outros aspectos, seja em relação às aulas, em relação a sentimentos de pertencimento ao Curso. Para uma, nem sempre as aulas eram desafiadoras, outra costumava buscar fora da sala de aula as aprendizagens que, segundo ela, fariam a diferença em sua formação. E Rafael demonstrou em sua fala uma constância em maravilhar-se com tudo aquilo que lhe foi apresentado na Pedagogia.

O segundo eixo de análise intitulou-se “Ecos de outras memórias do Curso de Pedagogia: a formação e o prédio em meio aos contextos políticos”. Busquei aprofundar meu olhar prestando atenção no que disseram sobre professores e disciplinas que foram marcantes. Destaco aqui meu estranhamento ao observar o histórico escolar de Tânia, considerando as imagens que comumente construímos acerca de nossos professores, como se eles sempre tivessem sido os *melhores alunos*.

Ressalto que os evocadores de memórias foram fundamentais não somente durante as entrevistas, mas durante as análises também, pois serviram como

facilitadores, por este motivo foi mais fácil em vários momentos articular as narrativas orais de Tânia e Rafael, como por exemplo, quando discorro sobre os históricos do Curso de cada um e a presença masculina na Pedagogia.

A presente pesquisa utilizou essencialmente documentos orais e algumas fontes escritas trazidas pelos entrevistados. Ao Iniciar a pesquisa, acreditava era preciso documentos escritos tidos como oficiais para legitimar o que os narradores me contavam. Com o amadurecimento da temática, muito estudo e leituras, fui me apropriando do conteúdo das entrevistas e dos conceitos de memória e, por fim, compreendendo que as validações com documentos oficiais não se faziam necessários neste momento.

Por fim, concluo que ao aceitar a provocação para pesquisar ao final da graduação sobre memórias orais, tema até então desconhecido por mim, foi um grande desafio e responsabilidade, pois para analisar as experiências dos três sujeitos deste trabalho, foi necessária grande cautela, a fim de que as ponderações feitas não fossem mal interpretadas ou tivessem sentido de julgamento, já que este não era o propósito deste estudo.

Ao longo da pesquisa fui compreendendo que a memória não anda só, ela é carregada de marcas para cada sujeito que as possui, essas marcas foram ao longo de suas vidas os constituindo. A partir da imaterialidade das memórias dos narradores deste trabalho, suas lembranças foram tomando forma e transformando-se em história.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **As memórias e a história da educação: aproximação teórico-metodológicas.** Pelotas, v. 13, n. 27 p. 211-243, Jan/Abr 2009.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt; LIMA, Valeska Alessandra de. **O Colégio de Aplicação da UFRGS e suas precursoras: memórias apagadas (1954-1996).** *Conjectura: Filos. Educ.*, Caxias do Sul, v. 20, n. 1, p. 141-163, jan./abr. 2015

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. Esquecidas em um armário: redações escolares desenvolvidas no programa PERICAMPUS/UFRGS (1987-1991). *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 53, n. 39, p. 132-158, set./dez. 2015

AMADO, J. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. *Revista História*, São Paulo, v. 14, p. 125-136, 1995.

DOLL, Johannes e COMERLATO, Denise. Editorial. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol.35, nº 2, mai./ago. 2010.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, A Memória é de Quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. In: *História da Educação*. Vol. 4 – n. 8. Pelotas: UFPel. Setembro, 2000, p. 141 – 174.

FISCHER, Beatriz Daudt (org) *Tempos de Escola*. São Leopoldo: Oikos, 2011, 1v.

FOX, M. *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*. Ilustrações de Julie Vivas. São Paulo: Brinque-book, 1984.

Nóvoa, António, «Carta a um jovem historiador da educação», *Historia y Memoria de la Educación*, 1 (2015): 23-58.

PRINS, Gwyn. *História Oral*. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 163 a 198.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). *Mulheres na Sala de Aula*. In: PRIORI, Mary del. **História das mulheres no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 443-481.



PRIORI, Mary Del; VENANCIO, Renato. **Uma Breve História do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

QUINTANA, Mario. **Caderno H**. 2. ed. São Paulo: O Globo, 2006.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DPA, 2003. p. 287 – 309.

SCHAWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: Uma Biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil: Século XX**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 3 v.

VIDAL, Diana. A fonte oral e a pesquisa em história da Educação: algumas considerações. In. *Educação e Revista*. Belo horizonte, n. 27, julho 1998, p. 7 – 16.